

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC ELIDES FREITAS DE JESUS JÚNIOR

A EVOLUÇÃO DAS MISSÕES ESTRATÉGICAS DA MARINHA RUSSA (2015-2022):
Uma análise à luz da teoria do Almirante Gorshkov

Rio de Janeiro

2022

CC ELIDES FREITAS DE JESUS JÚNIOR

A EVOLUÇÃO DAS MISSÕES ESTRATÉGICAS DA MARINHA RUSSA (2015-2022):
Uma análise à luz da teoria do Almirante Gorshkov

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM1) Alceu Oliveira Castro Jungstedt

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2022

Dedico o presente trabalho à minha querida esposa Aline, que nunca deixou de acreditar na minha capacidade; à minha mãe Sueli, que sempre me acolheu nos momentos de dificuldade; e aos meus queridos avós José Reis (*in memoriam*) e Lielza, pelo amor e carinho incondicionais a mim dispensados.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, presto meus agradecimentos a Deus, por sua imensa misericórdia em guiar meus passos pelo caminho da retidão, proporcionando-me saúde, força e paz nos momentos de tormenta, essenciais para que eu concluísse este trabalho.

Aos meus pais Elides (*in memoriam*) e Sueli, formadores do meu do meu caráter, por toda a dedicação, amor, carinho e educação a mim dispensados.

À minha amada esposa Aline que, mais uma vez, retribuiu minhas ausências com apoio e atenção incondicionais durante mais essa etapa da carreira. Tenho certeza de que não lograria êxito sem essa guerreira ao meu lado, passando-me força, carinho e amor nas maiores adversidades. Tenho sorte em tê-la ao meu lado. A ela dedico meu sucesso.

Aos meus sogros, Élcio e Rosângela, que me abraçaram como um filho durante toda essa difícil jornada, fornecendo-me amplo apoio e dedicação.

Ao meu orientador e instrutor, CMG (RM1) Alceu Oliveira Castro Jungstedt, pelos valiosos ensinamentos transmitidos, sempre de maneira amigável e cortês. Suas aulas e conselhos serviram-me de estímulo para aprimorar meus conhecimentos em estratégia naval e buscar novas fontes de estudos. Ao Mestre, a minha eterna gratidão.

Aos meus amigos da turma Almirante Luiz Leal Ferreira, por mais uma oportunidade ímpar de revê-los e dividir conhecimentos durante o Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores de 2022. Unidos por um mesmo propósito, vencemos novamente.

E enfim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

A imponente Marinha da Federação Russa ocupa posição de destaque no cenário mundial do século XXI. Desde a sua organização em 1696, desenvolveu uma sólida estratégia naval que, até a década de 1960, apresentou uma postura costeira e defensiva. Após a capitulação soviética na Crise dos Mísseis de Cuba em 1962, sofreu uma revolução: sob o Comando do Almirante Sergey Georgyevich Gorshkov (1910-1988), teórico do Poder Marítimo do Estado e das missões estratégicas, adquiriu novos meios, modernos e diversificados, e empregou uma nova estratégia naval de “águas azuis”, global e nuclear. Assim, o propósito desta pesquisa é verificar se missões estratégicas ainda são adotadas pela Marinha russa contemporânea de Vladimir Vladimirovitch Putin (1952-), afim de confirmar sua aderência evolutiva às missões estratégicas extraídas da teoria de Gorshkov. Para tal, utilizou o método comparativo entre teoria e realidade, considerando o arcabouço teórico do Poder Marítimo do Estado, formulado entre 1979 e 1985, e a realidade da atual estratégia naval adotada pela Marinha russa, de 2015 a 2022. Após análise das evidências, a pesquisa constatou que as missões estratégicas ora adotadas pela Esquadra russa são uma adaptação evolutiva das missões soviéticas “gorshkovianas”, confirmando haver um processo evolutivo no pensamento naval estratégico. Adaptando as tarefas dos meios às complexas operações navais contemporâneas e aos ambientes de guerra multidimensionais, cada vez mais dependentes da tecnologia nuclear e da pesquisa científica, a Marinha da Federação Russa percebeu as benesses de empregar o *soft power* em detrimento do *hard power* para trazer prosperidade ao Kremlin e aumentar sua capacidade combativa nos tempos de guerra. Ao final, o trabalho sugere uma linha de investigação futura para as missões estratégicas da Marinha do Brasil, voltada para a defesa da soberania e garantia da navegação segura na nossa Amazônia Azul.

Palavras-chave: Gorshkov. Poder Marítimo. Estratégia Naval. Missões Estratégicas. Evolução.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

FIGURA 1 – O Comandante-em-Chefe da Marinha Gorshkov.....	71
FIGURA 2 – O Almirante Gorshkov.....	73
FIGURA 3 – Bases navais estratégicas da <i>Red Fleet</i> e pontos de acesso ao mar.....	75
FIGURA 4 – Estrutura de Comando da Marinha Soviética.....	75
FIGURA 5 – Os meios navais da Marinha soviética (1947-1990).....	76
FIGURA 6 – Anéis de alcance de 1000 milhas náuticas para ameaça percebida de mísseis Tomahawk a oeste do Estado russo.....	82
FIGURA 7 – Anéis de alcance de 1000 milhas náuticas para ameaça percebida de mísseis Tomahawk a leste do Estado russo.....	83
FIGURA 8 – Organização Estratégica da Marinha Russa.....	84
FIGURA 9 – Bases navais estratégicas da Marinha russa.....	84
FIGURA 10 – Os meios navais de superfície da Marinha russa em 2021.....	85
FIGURA 11 – Os submarinos da Marinha russa em 2021.....	86
FIGURA 12 – A Fragata multifuncional "Almirante Gorshkov".....	87
FIGURA 13 – Fragata "Almirante Gorshkov" testando o <i>Zircon</i> em 2022, último míssil hipersônico desenvolvido pela Rússia.....	88

QUADROS

QUADRO 1 – Missões estratégicas da <i>Red Fleet</i> (1962-1985).....	74
QUADRO 2 – Missões estratégicas da Marinha Russa (2015-2022).....	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1ªGM –	Primeira Guerra Mundial
2ªGM –	Segunda Guerra Mundial
A2/AD –	<i>Anti Access/Area Denial</i>
AAW –	<i>Anti-Aircraft Warfare</i>
ABM –	<i>Anti-Balistic Missile</i>
AMW –	<i>Anti-Mine Warfare</i>
ASW –	<i>Anti-Submarine Warfare</i>
ASuW –	<i>Anti-Surface Warfare</i>
EUA –	Estados Unidos da América
CENTO –	<i>Central Treaty Organization</i>
CIC –	<i>Commander-in-Chief</i>
CSBA –	<i>Center for Strategic and Budgetary Assessments</i>
DOMAR –	Doutrina Marítima da Federação Russa
EBalt –	Esquadra Russa do Mar Báltico
ENeg –	Esquadra Russa do Mar Negro
ENor –	Esquadra Russa do Mar do Norte
EPac –	Esquadra Russa do Oceano Pacífico
FA –	Forças Armadas
FCasp –	Flotilha Russa do Mar Cáspio
FRU –	Federação Russa

FUNAV –	Fundamentos da Política de Estado da Federação Russa no Campo de Operações Navais até 2030
GCR –	Guarda Costeira Russa
GF –	Guerra Fria
GIUK –	<i>Greenland-Iceland-United Kingdom</i>
GGP –	Grande Guerra Patriótica
GRU –	Guerra Russo-Ucraniana
HMS –	<i>Her/His Majesty's Ship</i>
LACM –	<i>Land Attack Cruise Missile</i>
LC –	<i>Landing Craft</i>
LCM –	Linhas de Comunicação Marítimas
MFR –	Marinha da Federação Russa
MT –	Mar Territorial
NAe –	Navio-Aeródromo
OM –	Oceano Mundial
OTAN –	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PN –	Poder Naval
PME –	Poder Marítimo do Estado
PV –	Pacto de Varsóvia
RF –	<i>Red Fleet</i>
RA –	<i>Red Army</i>
RN –	<i>Royal Navy</i>
SEATO –	<i>Southeast Asia Treaty Organization</i>

SLBM –	<i>Submarine Launched Ballistic Missiles</i>
SSBN –	<i>Submersible Ship Ballistic Missile Nuclear Powered</i>
SSF –	Serviço de Segurança Federal
SSK –	<i>Submersible Ship hunter-Killer</i>
SSN –	<i>Nuclear Propelled Attack Submarine</i>
STRAM –	Estratégia para o Desenvolvimento das Atividades Marítimas da Rússia até 2030
TO –	Teatro de Operações
URSS –	ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
USAF –	<i>United States Air Force</i>
USN –	<i>United States Navy</i>
USNI –	<i>United States Naval Institute</i>
VLS –	<i>Vertical Launching System</i>
ZEE –	Zona Econômica Exclusiva

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	GORSHKOV E A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO ESTRATÉGICO NAVAL. .	13
2.1	O Poder Marítimo de Gorshkov e a relação com a Estratégia Naval.....	14
2.2	As dez Missões Estratégicas da <i>Red Fleet</i>	20
2.3	Bases Estratégicas Operacionais da <i>Red Fleet</i>	29
3	ANÁLISE DA ESTRATÉGIA NAVAL DA FEDERAÇÃO RUSSA (2015-2022).	32
3.1	As dez missões Estratégicas da Marinha Russa.....	33
3.2	Bases Estratégicas Operacionais da Marinha Russa.....	39
4	ANÁLISE EVOLUTIVA DAS MISSÕES ESTRATÉGICAS.....	40
5	CONCLUSÃO.....	49
	REFERÊNCIAS.....	54
	APÊNDICE A – A Construção da Estratégia Naval Russa (1696-1962)...	58
	APÊNDICE B – Biografia do Almirante Gorshkov.....	71
	APÊNDICE C – As Missões da Estratégicas de Gorshkov.....	74
	APÊNDICE D – Organização da Marinha Soviética.....	75
	APÊNDICE E – Compêndio da Estratégia Naval Russa.....	77
	APÊNDICE F – As missões Estratégicas da Marinha Russa.....	81
	APÊNDICE G – Esquema de Defesa em Camadas.....	82
	APÊNDICE H – Organização da Marinha Russa.....	84
	APÊNDICE I – A moderna Fragata “Almirante Gorshkov”	87

1 INTRODUÇÃO

Dentre as Marinhas de maior prestígio e tradição, destaca-se a russa. Sua importância é secular. As inúmeras batalhas que travou, desde sua fundação por Pedro I (1672-1725), o Grande, em 1696, até a imponente Esquadra contemporânea do Presidente Vladimir Vladimirovitch Putin (1952-) em 2022, lhe proporcionaram desenvolver uma sólida estratégia naval, baseada inicialmente na defesa do território contra invasores e na proteção às Linhas de Comunicação Marítimas (LCM) locais e regionais.

Após a Crise dos Mísseis de Cuba (1962), o Almirante Sergey Georgyevich Gorshkov (1910-1988) a revolucionou: por meio do estabelecimento de missões estratégicas, transformou uma Marinha costeira e defensiva, numa força naval balanceada, global e nuclear. Assim, a Marinha russa de hoje é fruto do desenvolvimento das ideias de Gorshkov, postas em prática.

Contudo, cabe-nos averiguar se as missões estratégicas ainda são adotadas pela Marinha russa da atualidade. Caso o sejam, será que podemos considerá-las como uma evolução das missões navais soviéticas de Gorshkov?

Para tal, o presente trabalho se prestará ao propósito de confirmar a existência de aderência evolutiva entre as missões estratégicas extraídas da teoria de Gorshkov e as missões estratégicas aplicadas à realidade da Marinha da Federação Russa (MFR). Nossos objetos de estudo serão dois grupos de missões estratégicas: as soviéticas, teorizadas por Gorshkov entre 1979 e 1985; e as russas, empregadas pela MFR entre 2015 e 2022.

A metodologia confrontará a teoria soviética com a realidade russa, buscando identificar evidências de evolução estratégica entre os dois objetos mencionados.

Ao final, esperamos que o presente estudo possibilite-nos comprovar a evolução da estratégia naval russa, dos idos de Gorshkov à realidade de Vladimir Putin, ampliando nossa percepção sobre missões estratégicas.

Três foram as causas que nos motivaram a pesquisar sobre estratégia naval russa. Em primeiro lugar, a originalidade do assunto. No Ocidente, as estratégias orientais são pouco citadas e seus estrategos, meros desconhecidos. Estudar as missões estratégicas nos proporcionou uma oportunidade ímpar de aprofundar nossos conhecimentos, para compartilhá-los nesse texto. Ademais, Gorshkov é um dos ilustres estrategistas esquecidos (ou evitados) pelo Ocidente.

Em segundo, a relevância da MFR como potência naval. A segunda maior Marinha do mundo na atualidade possui navios e submarinos no “estado da arte”, convencionais e nucleares, estrategicamente espalhados pelo Oceano Mundial (OM), além de apresentar um doutrinamento naval sólido e uma estratégia bem definida. Poderá contribuir com bons exemplos estratégicos para que, no futuro, nossa Marinha vislumbre esse patamar.

Em terceiro, por ser a Rússia um Estado de dimensões continentais, com extenso litoral a proteger ao norte e a leste, semelhante ao Brasil, guardadas as devidas proporções. Os métodos estratégicos de defesa do território russo poderão contribuir com as operações empreendidas pela Marinha do Brasil em defesa do nosso solo pátrio.

Nossa pesquisa será apresentada em cinco capítulos.

No segundo capítulo, faremos uma breve abordagem sobre a evolução da estratégia naval russa, destacando o ponto de inflexão estratégico – a Crise dos Mísseis de Cuba (1962) – e o surgimento da teoria transformadora de Gorshkov sobre o Poder Marítimo do Estado (PME). Sinalizaremos, em sua maior obra, as partes que, na nossa visão, definem seu arcabouço teórico e nos servirão de amparo às análises das evidências. Partiremos, em seguida, para a definição das missões estratégicas soviéticas extraídas da teoria e finalizaremos apresentando a distribuição estratégica das bases soviéticas pelo território russo, em consonância com as missões.

No terceiro capítulo, discorreremos sobre as missões estratégicas russas da realidade (2015-2022), deduzidas de três documentos de alto nível, publicados pela Federação Russa (FRU), que tratam sobre doutrina, operações e estratégia navais, datados de 2015, 2017 e 2019, respectivamente. Teceremos breve comentário sobre a atual localização das bases navais russas, em pontos estratégicos de seu Mar Territorial (MT). Cabe-nos ressaltar que este trabalho não abordará a nova Doutrina Naval assinada pelo Presidente russo Vladimir Putin em 31 de julho de 2022, por não estar contida no espaço temporal desta pesquisa.

No quarto capítulo, a fim de buscar evidências, faremos a comparação entre as missões estratégicas da teoria soviética e as missões estratégicas da realidade russa. Encontradas as evidências, tentaremos confirmar a aderência evolutiva entre as missões da teoria e da realidade.

Finalmente, no quinto capítulo, apresentaremos nossas conclusões e indicaremos uma linha de investigação futura.

2 GORSHKOV E A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO ESTRATÉGICO NAVAL

Por quase 300 anos, a estratégia naval adotada pela expressão militar do Poder do Estado russo (e soviético, até certo momento) esteve exclusivamente voltada para o apoio às operações em terra, a garantia de acesso ao mar aberto e a proteção às LCM (MOMMSEN, 2016). A postura estratégica russa, predominantemente defensiva e costeira, tinha motivações históricas: seu extenso território, cortado por 170 graus de longitude (quase meia volta no globo terrestre) e desprovido de barreiras naturais, à exceção das montanhas do Cáucaso, oferecia pouca ou nenhuma proteção, tornando os flancos extremamente vulneráveis a invasões por mar e por terra (KAPLAN, 2013).

Conforme Kaplan (2013), foi assim que, por incontáveis vezes, povos agressores (vikings, mongóis e alemães) adentraram, saquearam e conquistaram parte do que é, hoje, o Estado da FRU. À Marinha, sobrava-lhe a função de força coadjuvante, posição mantida mesmo após a vitória soviética sobre os alemães na Grande Guerra Patriótica¹ (GGP, entre 1941-1945).

Segundo Ranft e Till (1989), o lançamento da bomba atômica sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki² ao fim da Segunda Guerra Mundial (2ªGM, 1939-1945) trouxe mais um desalento para a *Voyenno-morskoi flot*³ que, por ora, permaneceu menos relevante que

-
- 1 Refere-se ao confronto ocorrido entre 22 de junho de 1941 e 9 de maio de 1945, no qual os soviéticos expulsaram os alemães nazistas de seu território, por ocasião da invasão da ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas pelas potências do Eixo. Também conhecida pelos alemães como “Operação Barbarossa” (em alemão, *Unternehmen Barbarossa*).
 - 2 Com os codinomes de “*Little Boy*” (fissão de urânio) e “*Fat Man*” (fissão de plutônio), duas bombas atômicas foram lançadas nas cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, em 6 e 9 de agosto de 1945, respectivamente. O agente lançador foi o bombardeiro militar B-29.
 - 3 Forma traduzida romanizada do termo “Marinha Russa”. Em cirílico, fica “*Военно-морской флот*”.

os bombardeiros estratégicos. Os recursos gastos com a Marinha refletiam na precariedade dos meios navais e no treinamento e moral das tripulações.

O ponto de inflexão para o *upgrade* quantitativo e qualitativo na condição operativa dos meios navais soviéticos, refletido na Marinha Russa da atualidade, surgiu quando o Almirante Sergey Georgyevich Gorshkov assumiu o cargo de *Commander-in-Chief* (CIC) da Marinha Soviética, entre 1956 e 1985 (MOMMSEN, 2016). Utilizando perspicácia e sabedoria, soube demonstrar com destreza a importância do mar para o atingimento dos fins políticos soviéticos e assim, transformar uma Marinha costeira e convencional, numa Força Naval oceânica e nuclear, balanceada e flexível, capaz de operar por tarefas e conjuntamente com as outras forças (OZÓRIO, 1987).

No próximo subitem, partiremos deste ponto de mudança de paradigma no cerne estratégico da Marinha soviética, para desenvolvermos nossas análises sobre a teoria de Gorshkov. Contudo, teceremos no APÊNDICE A algumas considerações sobre a construção da estratégia naval russa desde a sua fundação, em 1969, até este ponto.

2.1 O Poder Marítimo de Gorshkov e a relação com a Estratégia Naval

O Almirante Gorshkov assumiu como CIC da *Red Fleet*⁴ (RF) em 1956, durante o governo de Krushev (1894-1971), permanecendo no cargo por cerca de 29 anos, alcançando os governos de Brejnev (1906-1982), Andropov (1914-1984) e Chernenko (1911-1985). Em

4 Termo como ficou conhecida a Marinha bolchevique e, mais tarde, a soviética.

1961, tornou-se membro pleno do Comitê Central do Partido Comunista. Militar extremamente experiente – ex-Comandante das Flotilhas de Azov, do Danúbio e da Esquadra Russa do Mar Negro (ENeg), participou ativamente da GGP e presenciou a acachapante humilhação soviética diante do poderio naval norte-americano em 1962 (POLMAR; BROOKS; FEDOROFF, 2019). No APÊNDICE B, apresentamos um pouco de sua biografia.

Determinado a mudar a história da RF, publicou uma coletânea de artigos para o jornal *Morskoi Sbornik*, um tipo de resumo naval soviético, na década de 70. Foi largamente estudado por analistas estratégicos e líderes navais norte-americanos – especialmente os Almirantes Elmo Zumwalt (1920-2000), Stansfield Turner (1923-2018) e Hyman Rickover (1900-1986). Zumwalt inclusive encorajou o Instituto Naval norte-americano (*United States Naval Institute* – USNI) a reunir uma coleção de onze artigos de Gorshkov, intitulados na *Morskoi Sbornik* por “*Navies in War and Peace*”, e a publicá-los num volume chamado “*Red Star Rising at Sea*”⁵, em 1974. Seus dois maiores trabalhos, “*Navies in War and Peace*” e “*The Sea Power of States*”⁶ suscitaram longos debates e suas conclusões alterariam a estratégia naval dos Estados Unidos da América (EUA)⁷ e a estrutura de forças até o final da Guerra Fria (GF, 1947-1991) (HUCKABEY, 2018).

Neste subitem, discorreremos sobre a teoria do PME e da estratégia naval divulgados em sua maior obra, “*The Sea Power of States*”. Por meio dela, Gorshkov teoriza a

5 Incluiu, também, comentários de líderes navais.

6 *Morskaya moshch gosudarstva*, nome original em russo. A primeira edição data de 1976. Traduzida para o inglês em 1979.

7 Na década de 80, em resposta à teoria estratégica de Gorshkov, os EUA lançaram um novo documento de Estratégia Marítima. Ao fim das rivalidades, os norte-americanos possuíam cerca de 600 navios.

transformação de uma Marinha costeira e convencional (de águas marrons), noutra oceânica e nuclear (de águas azuis).

Inicialmente, para justificar a origem político-ideológica de sua teoria, Gorshkov (1979) lembra que o marxismo⁸ considera os recursos geográficos os maiores responsáveis por promover o desenvolvimento da sociedade. Destes, o mar ou OM é o mais relevante, pois ocupa quase três quartos da superfície do planeta e é fonte inesgotável de recursos biológicos, alimentícios, energéticos e minerais. Vai, portanto, influenciar diretamente na economia: na medida em que o conhecimento científico sobre os oceanos se sofisticava, mais recursos podem ser explorados e explorados em benefício da sociedade (consumo e comercialização), desenvolvendo ramos da indústria e estimulando trocas comerciais pelas LCM, além do aparecimento de bases e portos avançados. É imperioso, pois, investir em pesquisa oceânica.

A definição de PME é a conjugação racional dos meios empregados tanto para usufruir do OM (a expressão econômica), quanto para defender os interesses do Estado (a expressão militar). Nas suas palavras, é “a capacidade do Estado em colocar todos os recursos e possibilidades do oceano a serviço do homem e de fazer pleno uso deles para desenvolver a economia, cuja saúde determina a vida do Estado, incluindo a sua capacidade de defesa” (GORSHKOV, 1979, p. 2, tradução nossa).⁹

8 Conjunto de ideias filosóficas, econômicas, políticas e sociais elaboradas a partir do escritos dos alemães Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895).

9 “(...) *the capacity of the state to place all the resources and possibilities offered by the ocean at the service of man and make full use of them to develop the economy, the health of which finally determines all facets of the life of our country including its defence capability.*”

Cita Gorshkov (1979) que o PME é um sistema caracterizado não somente pela presença de ligações entre os seus componentes (militar, mercante, pesqueiro, científico etc.), mas por sua relação de dependência das condicionantes ambientais.

A Expressão material reúne aspectos do PME relacionados diretamente à economia, os quais sejam: as frotas (mercante, de pesca e de pesquisa); a ciência dos oceanos (estudo e exploração de riquezas); os ramos da indústria; o quadro de cientistas, engenheiros e técnicos; e o conjunto de profissionais empregados nos diversos setores marítimos (GORSHKOV, 1979).

Expressão militar do PME, ou Poder Naval (PN), reúne as capacidades das forças navais para defender o Estado de uma agressão vinda do mar. Para organizar essas capacidades, surge a estratégia naval (GORSHKOV, 1979).

Para Gorshkov (1979), é mister destacar que o grau de importância de cada componente do PME varia conforme o período histórico. No entanto, o valor do PN é dominante e perene.

Como justificativa para aplicar o PN, Gorshkov (1979) lembra que o PME é o principal instrumento utilizado pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) para deter o avanço do socialismo e preencher o vácuo de poder deixado pela descolonização. Destaca, ainda, que os EUA lideram a expansão do PME, visando garantir o monopólio econômico sobre outros Estados e, assim, dominá-los sob a ótica capitalista. Para que seja obtido esse monopólio econômico, os norte-americanos dispõem de meios estrategicamente distribuídos – submarinos nucleares lançadores de mísseis balísticos¹⁰ (SSBN), Navios-

10 O termo no original (inglês) é “*Submersible Ship Ballistic Missile Nuclear Powered*”.

Aeródromos (NAe) e aviação estratégica¹¹, todos vetores de mísseis balísticos nucleares de médio e longo alcance, para aumentar o grau de ameaça ou desferir o ataque nuclear antecipado aos Estados socialistas.

Em resumo, a força destrutiva dos ataques nucleares se tornara a nova medida de Poder Naval – a estratégia naval norte-americana. Segundo Gorshkov (1979), para contrapô-la, era necessário implementar uma estratégia naval soviética, de forma a garantir a utilização balanceada das forças navais, compostas por meios convencionais e nucleares, multitarefa e multipropósito, empregados na paz ou na guerra, tanto no litoral quanto em mar aberto. Assim justifica o papel relevante da RF perante as outras Forças Armadas (FA):

As circunstâncias que nos obrigam a incluir no conceito de Poder Marítimo do Estado pré-requisitos de caráter militar devem-se a fatores de nível internacional, notadamente a existência do imperialismo, estendendo seus empreendimentos vorazes também à hidrosfera. Portanto, enquanto existir o imperialismo, a inclusão do componente militar no conceito de Poder Marítimo do Estado é de imperiosa necessidade¹² (GORSHKOV, 1979, p. 2, tradução nossa).

Gorshkov (1979) considerava a dedicação e o preparo da arte naval indispensáveis para o atingimento dos fins políticos. Insistia que, apesar de possuir os mesmos objetivos, arte militar e arte naval eram substancialmente diferentes, por conta das diferenças dos ambientes nos quais operavam as forças navais e terrestres. Por isso, defendeu a independência da teoria e estratégia navais, que estariam num patamar mais elevado que a estratégia terrestre. É da arte naval que elabora as missões estratégicas da RF.

11 São os aviões bombardeiros de grande raio de ação, potencialmente armados com bombas gravíticas ou mísseis de cruzeiro, convencionais ou nucleares, capazes de influenciar de forma determinante um conflito militar ou, em tempo de paz, demonstrar essa mesma capacidade.

12 *“The circumstances which force us to include in the concept of the sea power of the state prerequisites of a military character are due to factors at international level, notably the existence of imperialism, extending its rapacious ventures also to the hydrosphere. Therefore, as long as imperialism exists the inclusion of the military component in the concept of sea power of the state is an imperative necessity.”*

Em sua última edição, adiciona um capítulo no qual defende uma estratégia unificada, integrando tanto as operações navais, quanto as das outras forças, considerados os diferentes ambientes nos quais operam.

Por fim, para justificar a necessidade urgente de desenvolver o PME, afirma que ele é o caminho para a construção do comunismo e do bem-estar social, o crescimento da economia, a aceleração do desenvolvimento técnico-científico, cultural, político e econômico dos Estados socialistas (GORSHKOV, 1979).

Segundo Ozório (1987), o arquiteto do poder marítimo soviético chegou a ser comparado ao Almirante Von Tirpitz (1849-1930), que vivenciou situação semelhante na Primeira Guerra Mundial (1ªGM, 1914-1918) ao tentar convencer o *Kaiser* da Alemanha Imperial a construir uma Marinha oceânica que desafiasse a *Royal Navy* (RN). Em 1985, aos 75, foi substituído pelo Almirante Vladimir N. Chernavin (1928-).

Desde 1971, os EUA já adotavam a “doutrina Nixon”, implementando outra estratégia militar em substituição à “resposta flexível” dos anos 60: a “deterrência realista”. Essa estratégia se utilizava dos princípios de parceria e negociação, sem descartar as possibilidades de uma guerra nuclear global ou convencional local (GORSHKOV, 1979). Apesar do relaxamento nas tensões, a RF continuou a crescer, resultado da teoria de Gorshkov.

No próximo subitem, trataremos das missões estratégicas atribuídas por Gorshkov à RF.

2.2 As dez Missões Estratégicas da *Red Fleet*

No capítulo quatro da obra *“The Sea Power of the State”*, intitulado *“Problems of Naval Art”*, Gorshkov (1979) sugeriu algumas missões para emprego dos meios, em tempos de guerra e de paz. Admitiu, ainda, a existência de duas posturas estratégicas para emprego em tempo de guerra: “esquadra contra esquadra” e “esquadra contra terra”.

Para um melhor entendimento, adotamos, neste trabalho, a estrutura sugerida por Ranft e Till (1989), que identifica dez missões estratégicas, extraídas dos escritos de Gorshkov e das observações quanto à condução das operações e exercícios pela RF após 1962. Para emprego em tempo de guerra, foram identificadas sete missões estratégicas: “Domínio do Mar”, “Defesa do Território” e “Defesa Estratégica”, para a postura “esquadra contra esquadra”; e “Ataque Estratégico”, “Operações contra a Costa”, “Interdição Marítima” e “Proteção das LCM”, para a postura “esquadra contra terra”. Para emprego em tempo de paz, foram identificadas outras três missões: “Dissuasão Estratégica”, “Diplomacia Naval” e “Guerra Local e Limitada”. As missões estão dispostas no QUADRO 1, do APÊNDICE C.

Avançado para seu tempo, Gorshkov entendia que as missões empregadas em tempo de guerra eram tão importantes quanto as empregadas em tempo de paz. As missões de guerra determinavam a capacidade do Estado para sobreviver e prevalecer num conflito. Contudo, dependiam das capacidades de um Estado prosperar em tempos de paz. Nesse aspecto, a RF poderia ser empregada em variadas missões pacíficas em prol do atingimento dos objetivos políticos do Estado soviético, criando as condições ideais para o avanço do

socialismo internacional (RANFT; TILL, 1989). A seguir, discorreremos sobre cada missão estratégica.

Largamente explorado por Alfred Thayer Mahan¹³ (1840-1914), a missão “Domínio do Mar” é uma das mais antigas noções de estratégia marítima. Também conhecida como “controle do mar” ou “comando do mar”, significa obter uma posição estratégica em que se possa, em maior ou menor escala, usar o mar para seus próprios propósitos e impedir que o inimigo o use em seu benefício (TILL, 1984). Para Gorshkov (1979), essa era a principal característica da estratégia marítima convencional, creditada ao Capitão-tenente Berezin, da Marinha czarista que, em 1873, pôs-se a escrever sobre o assunto, vinte anos antes de Mahan, Philip Howard Colomb¹⁴ (1831-1899) e outros estrategistas ocidentais.

A aquisição de submarinos, mísseis e armas nucleares permitiu à RF deixar de realizar missões ao longo da costa, em mero apoio às tropas de terra, para dedicar-se às missões independentes e decisivas nas vastas imensidões dos oceanos. Contudo, ficou mais difícil obter e manter a “supremacia no mar”, sendo mais provável que o domínio se restringisse a uma área, limitada a um intervalo de tempo (HERRICK, 1968). Gorshkov (1979) sugeriu que a RF alcançasse um nível estratégico de controle do mar que lhe permitisse realizar operações marítimas decisivas para o desfecho da guerra.

13 Ilustre Contra-Almirante da *United States Navy* e estrategista naval, responsável por teorizar o Poder Marítimo à sua época. Sua obra mais importante é “*The Influence of Sea Power Upon History, 1660-1783*” (1890) (WEDIN, 2015).

14 Vice-Almirante historiador e teórico da *Royal Navy*, notório por suas teorias inovadoras sobre Poder Marítimo. Sua maior obra é “*Naval Warfare*” (1891) (WEDIN, 2015).

A missão “Defesa do Território” mostra o quanto é importante para a ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) defender-se dos ataques vindos do mar. Comentam Ranft e Till (1989) que, no passado, devido à fraqueza da Marinha, essa missão não pôde ser cumprida eficazmente, tornando as operações em terra muito mais difíceis – foi o caso da Guerra da Crimeia (1853-1856), da Guerra Revolucionária (1917-1923) e da GGP (1941-1945). Parte da doutrina soviética para essa missão consistia em “defender ofensivamente” o território: SSBN, aviação de ataque e navios de superfície se deslocam rapidamente para posições estratégicas avançadas no oceano, onde são formadas barreiras concêntricas utilizando o maior alcance do armamento (nuclear ou convencional). Em 1985, a linha mais externa dessa defesa cobria o *gap* GIUK (*Greenland-Iceland-United Kingdom*). Contudo, Gorshkov (1979) alertou que não se deve descuidar da defesa aproximada, empregada na proteção de instalações militares e industriais situadas na costa, característica de navios sem tradição em “águas azuis”, que, por ser tradicionalmente praticada, deveria permanecer forte.

Em resumo, essa missão abrange um misto de defesa avançada (postura ofensiva) e defesa costeira (postura defensiva). Daí a necessidade de meios balanceados.

A missão “Defesa Estratégica” tem como objetivo defender o território contra ataques de SSBN. De acordo com Herrick (1968) e McGwire (1977), essa missão é considerada por muitos observadores ocidentais como a principal da Marinha: é estrategicamente mais significativa e potencialmente mais destrutiva, por conferir à ameaça nuclear características multidimensionais e de ocultação, objetivando neutralizar todos os SSBN ocidentais à distância. Gorshkov (1979) influenciou a RF para que adquirisse aeronaves,

submarinos nucleares de ataque¹⁵ (SSN) e navios de superfície voltados para as ações de guerra antissubmarina¹⁶ (ASW).

O pensamento estratégico soviético, diferentemente do alemão, não tratava os SSN como “lobos solitários”, caçadores absolutos dos SSBN: preferia utilizar um pacote de meios com capacidade ASW. A motivação soviética para continuar evoluindo nessa missão era única: reduzir os danos de um repentino avanço tecnológico ocidental na área da detecção submarina (RANFT; TILL, 1989).

A missão “Ataque Estratégico” utilizava armas nucleares marítimas contra alvos em terra. Gorshkov (1979) entendia que os ataques nucleares efetuados do mar contra a costa poderiam influenciar diretamente nos resultados da guerra.

A OTAN havia investido pesado em sistemas de vigilância submarinos, e em todo um aparato ASW – minas Captor, aeronaves P3C munidas de mísseis *Nimrod*, navios de diversos tipos e tamanhos e submarinos. Para se opor à postura ASW ocidental, os soviéticos desenvolveram vários SSBN com mísseis submarinos de longo alcance¹⁷ (SLBM). Os da classe *Yankee* foram preteridos pelos da classe *Delta* e *Typhoon*, que possuíam a vantagem de ocupar posições de lançamento em águas costeiras para, rapidamente retornar aos “santuários¹⁸” após o lançamento, sem irromper para o mar aberto. Os classe *Delta* eram empregados nos mares de Barents e de Okhotsk, mais voltados para a ameaça ocidental. Os *Typhoons* foram posicionados na região próxima ou abaixo do gelo do Ártico por dois

15 O termo no original (inglês) é *Nuclear Propelled Attack Submarine*.

16 O termo no original (inglês) é *Anti-Submarine Warfare*.

17 O termo no original (inglês) é *Submarine Launched Ballistic Missiles*.

18 Áreas protegidas dos ataques inimigos no mar. Em seu interior, geralmente há uma unidade de maior valor – SSBN, NAe e Navios-Capitânea.

motivos: a zona marginal de gelo¹⁹ (MIZ) era um local barulhento, ideal para a ocultação de um SSBN; e as ogivas nucleares poderiam ser lançadas aproveitando-se os *gaps* na camada de gelo (polynias) ou através de buracos nele perfurados (RANFT; TILL, 1989).

Em 1991, com a assinatura do Tratado de Redução de Armas Estratégicas²⁰, os ocidentais questionavam se a limitação no número de SSBN soviéticos não tornaria essa missão secundária para a RF. Contudo, os soviéticos não estavam preocupados com isso. Continuavam a desenvolver a Marinha, no intuito de prover versatilidade e flexibilidade no mar, especialmente numa era nuclear (RANFT; TILL, 1989).

A missão “Operações contra a Costa” englobava não só as operações anfíbias, mas também o apoio de fogo naval às tropas em terra. Gorshkov (1979) observou que, “pela primeira vez na história da arte naval, a década de 30 em nosso Estado [URSS] presenciou a elaboração da teoria da operação de desembarque anfíbio, testada no decorrer das operações de combate” (p. 140, tradução nossa)²¹.

O sucesso da campanha norte-americana no Pacífico e da vitória soviética na GGP (ambas ocorridas entre 1941 e 1945), além do triunfo britânico nas Falklands (1982), justificavam a necessidade de se investir no conjugado anfíbio. Ele foi um fator que levou o então, mero Capitão Gorshkov, a se destacar durante as operações anfíbias empregadas no entorno de Odessa, no verão de 1941. Para esse fim, foram desenvolvidos mísseis de cruzeiro

19 O termo no original (inglês) é *Marginal Ice Zone*.

20 Houve dois Tratados de Redução de Armas Estratégicas, firmados entre os EUA e a URSS com o bjetivo de reduzir ou limitar a produção de armas estratégicas ofensivas. O START I (*Strategic Arms Reduction Treaty I*) foi assinado em 1991, durante o governo de Gorbachev. O START II, em 2010, durante o governo de Medvedev.

21 “*For the first time in the history of naval art the 'thirties in our country saw the elaboration of the theory of the marine landing operation which was tested in the course of combat operations.*”

para ataque à terra²² (LACM), tipo *SS-NX-21* e *SS-NX-24*, para certas classes de submarinos. Contudo, os poucos meios soviéticos desenvolvidos para esse fim não bastaram, à época, para tornar teoria em realidade (RANFT; TILL, 1989).

Segundo Ranft e Till (1989), a tradicional missão “Interdição Marítima” apresentava baixa prioridade se comparada às anteriores. Objetivava interceptar as LCM ocidentais, de forma a impedir que provisões e esforços de guerra chegassem às tropas da OTAN. Conforme os escritos de Nitze et al. (2019), em uma visão mais ampla, além do emprego de submarinos e navios de superfície, a missão poderia incluir operações de ataque aéreo, de mísseis e de minagem para a destruição de instalações industriais de costa e terminais portuários.

Nesse período, a então URSS priorizou a construção dos submarinos convencionais de ataque²³ (SSK) de médio alcance classe *Whiskey*, em detrimento dos de longo alcance, classe *Zulu*. A grande vantagem da interdição era divertir as forças ASW ocidentais, deixando as reservas estratégicas soviéticas de SSBN livres para atuar. Obviamente, era necessário uma força naval balanceada. Empregada prioritariamente na Esquadra do mar do Norte (ENor) que era, de longe, a mais bem localizada para a tarefa (RANFT; TILL, 1989).

Gorshkov (1979) reforçava que a “Proteção às LCM amigas” era de vital importância no Teatro de Operações (TO), pois ia de encontro às necessidades do *Red Army*²⁴ (RA) e influenciava decisivamente no resultado da batalha terrestre.

22 O termo no original (inglês) é *Land Attack Cruise Missiles*.

23 O termo original (inglês) é “*Submersible Ship hunter-Killer*”, de propulsão diesel-elétrica.

24 Termo como ficou conhecido o Exército bolchevique e, mais tarde, o soviético.

Segundo Ranft e Till (1989), as maiores contribuições dessa missão ocorreram durante a 2ªGM; na GGP, quando a RF manteve o esforço militar às cidades ameaçadas de Sevastopol, Odessa e Novorossik, envolvida em operações de comboio e defesa antiaérea contra os ataques dos submarinos e das aeronaves alemães, além de varredura de minas. Também durante a invasão da Manchúria (agosto de 1945), os soviéticos apoiaram os chineses no esforço de guerra contra os japoneses. Contudo, seria bastante perigoso se os soviéticos contassem somente com a ferrovia Transiberiana para transportar suprimentos para o TO: um ataque a essa linha de suprimentos poderia “virar o jogo” a favor dos japoneses. Ademais, as ferrovias e estradas soviéticas apresentavam mau estado de conservação. Assim, o transporte marítimo pelos mares da China Oriental e Meridional foi tão importante quanto a navegação de cabotagem realizada nos mares Báltico, Negro e do Norte. Em consequência, a necessidade de prover segurança às LCM soviéticas durante o trânsito para o leste foi uma das maiores razões pelas quais a RF passou a ocupar posições estratégicas no Índico nos anos 60. Essa missão se tornou relevante, sobretudo com o aumento da frota pesqueira e mercante soviética.

A missão “Dissuasão Estratégica” pode ser definida como o uso da força ou ameaça de usá-la por um Estado para conseguir o que se quer, ou simplesmente “diplomacia coercitiva” (MORGAN, 2003). Couto (1988, v. 2, p. 60) afirma que “a dissuasão é, essencialmente, o produto de dois factores: a capacidade material e plausibilidade (ou credibilidade); mas depende também da fidelidade de comunicação e da incerteza relativamente a determinadas incógnitas”. Portanto, trata-se de imprimir uma pressão

psicológica no inimigo, de forma que este permaneça em estado de alerta e temeridade quanto à possibilidade da ameaça se concretizar, entrando em paralisia.

Segundo Ranft e Till (1989), a “Dissuasão Estratégica” gera três tendências para as FA soviéticas no geral e para a RF, em particular: acúmulo de armamentos; exibições em ocasiões oportunas (efeito psicológico); e cautela extrema, em situações nas quais haja possibilidade de derrota, ou confiança elevada onde a probabilidade de vencer seja maior. Para tal missão, eram empregados os SSBN *Delta* e *Typhoon*, distribuídos estrategicamente pelos mares de Barents, Okhotsk e Ártico.

A missão “Diplomacia Naval” não ocupava papel de destaque entre os anos 40 e 50, já que os navios de guerra soviéticos se prestavam a visitar portos estrangeiros somente em ocasiões especiais. Contudo, nos anos 70 essa postura mudou radicalmente: antes preocupada exclusivamente com a defesa do território, a RF passou a ser empregada externamente em apoio à política do Estado, destinada a salvaguardar os interesses soviéticos no além-mar (RANFT; TILL, 1989).

Conforme apontou Gorshkov (1979), os navios com sua mobilidade, flexibilidade, elevado padrão de prontidão e controlabilidade eram vistos como veículos da diplomacia distante. Essa era uma ótima justificativa para se ter uma esquadra balanceada e numerosa: os navios deveriam ser empregados em tempos de guerra e de paz. Nesse sentido, conforme apontam Ranft e Till (1989), a então URSS começou a empregar a RF para diversas tarefas políticas, desde visitas de cortesia, até uma visita em estado de prontidão pra travar guerras limitadas. A ferramenta ampla da diplomacia, se bem utilizada pela RF, poderia ajudá-la a ascender de potência regional para superpotência global.

Por fim, a missão “Guerra Local e Limitada” versava sobre manter prontidão e preparo navais constantes para empregar ações militares convencionais em áreas marítimas estratégicas próximas a Estados conflitantes, oferecendo suporte a guerras locais ou limitadas, em favor dos seus aliados. Foi o que ocorreu nas guerras árabe-israelense (1967-1973), na Guerra de Bangladesh (1975) e em vários outros conflitos no Golfo Pérsico, sudeste da Ásia e chifre da África, nos quais a URSS forneceu apoio de fogo e transporte de suprimentos militares. Cuba também recebeu ajuda a partir da década de 1950. Essa demonstração de força presencial dissuadiria o Ocidente de realizar ações nas áreas marítimas de interesse, permitindo à URSS negociar pela força, evitando concessões desnecessárias (RANFT; TILL, 1989).

Segundo Ranft e Till (1989), mantendo a presença naval constante e realizando ações ocasionais de confrontação no mar, onde as circunstâncias lhes eram favoráveis, os soviéticos mostravam ao ocidente que a RF era uma potência marítima no mar, cujos interesses não poderiam ser ignorados. Nas palavras do nosso teórico:

Ações de demonstração da Esquadra, em muitos casos, permitiram atingir os fins políticos sem recorrer à luta armada, apenas pressionando com o próprio poder potencial e ameaçando iniciar operações militares (...). Portanto, a frota sempre foi um instrumento da política dos Estados, um importante auxílio à diplomacia em tempo de paz²⁵ (GORSHKOV, S. G., 1979, p. 247, tradução nossa).

Das observações referentes às dez missões estratégicas, inferimos que Gorshkov esperava estabelecer características no PN antes pouco desenvolvidas: mobilidade, permanência, versatilidade, flexibilidade, prontidão e presença. Desenvolveu uma

²⁵ *“Demonstrative actions by the fleet in many cases have made it possible to achieve political ends without resorting to armed struggle, merely by putting on pressure with one’s own potential might and threatening to start military operations (...) Thus, the fleet has always been an instrument of the policy of states, an important aid to diplomacy in peacetime.”*

mentalidade marítima compatível com as aspirações de uma marinha global, unindo os fins políticos do Estado com o desenvolvimento da sociedade e a defesa da soberania, que abrangia não somente o território, as águas jurisdicionais e o espaço aéreo sobrejacente, como também o entorno estratégico soviético (*choke points*²⁶ e áreas marítimas de interesse, Estados-satélite²⁷ e Estados-tampão²⁸).

Ressaltava o papel destacado das forças navais, que poderiam decidir os rumos do conflito em terra e atingir os objetivos políticos, seja por meio da guerra ou pela via diplomática. À postura defensiva, foram incorporadas missões ofensivas e pacificadoras. Contudo, as missões estratégicas de defesa da costa e a proteção às LCM, praticadas desde o nascimento da Marinha de Pedro I, no século XVII, perduravam na Marinha “gorshkoviana”, drasticamente aperfeiçoadas por mísseis de cruzeiro, torpedos, armamento nuclear, aviação estratégica e SSBN.

2.3 Bases Estratégicas Operacionais da *Red Fleet*

Segundo Nitze et al. (2019), as forças navais soviéticas estavam divididas estrategicamente em quatro esquadras principais: a ENor, baseada em torno da Península de Kola, a leste da Noruega; a Esquadra Russa do Oceano Pacífico (EPac), baseada em

26 Refere-se a estreitos ou pontos focais no oceano.

27 Refere-se aos Estados que estavam sob a esfera de influência da URSS no pós-2ªGM (1949-1991), principalmente após a criação do Pacto de Varsóvia (1955-1991). Como “astros”, eles “orbitavam” em torno da então URSS.

28 Termo utilizado para se referir aos Estados que se situavam, geograficamente, entre duas potências hostis, impedindo por sua própria existência, o conflito entre ambas.

Vladivostok, em Petropavlovsk no Kamchatka, e em outros locais da costa soviética do Pacífico; a Esquadra Russa do Mar Báltico (EBalt), baseada perto de Leningrado; e a ENeg, instalada na Crimeia.

A ENor, a maior dentre as esquadras e com os mais novos navios à época, tinha sob seu comando todas as unidades soviéticas do Oceano Atlântico. Alguns de seus SSBN estavam sob o controle direto do Alto Comando em Moscou. As unidades submarinas da ENor também eram usadas para compor o esquadrão soviético no Mediterrâneo (NITZE et al., 2019).

A EBalt, conforme cita Nitze et al. (2019), empregava navios mais antigos. Sua missão era defender o Báltico contra a penetração de forças hostis e apoiar operações anfíbias contra a OTAN ou contra Estados neutros costeiros, em caso de guerra. Acreditava-se que a EBalt fosse subordinada ao Comando das Forças Terrestres.

A ENeg era, aproximadamente, do tamanho da EBalt. Contudo, possuía navios novos e mais bem armados. Era no Mar Negro onde se concentrava o maior polo de construção naval da URSS: novos navios para todas as esquadras soviéticas estavam, frequentemente, sendo submetidos a testes de mar e de desempenho. O Esquadrão Mediterrâneo, conhecido como Quinto Esquadrão, ficava sob o seu controle administrativo (NITZE et al., 2019).

A EPac, um pouco maior que as ENeg e EBalt, tendia a apresentar uma força naval mais antiga e mais obsoleta do que a ENor, e aparentava estar menos bem equipada para ações ASW. Possuía quatro cruzadores com mísseis guiados, quatro cruzadores com canhões (para defesa de ponto) e uma dúzia de *destroyers*. Apresentava um grande número

de SSBN de todas as classes (embora não tantos quanto a ENor). O destacamento da esquadra soviética que operava no Oceano Índico ficava sob o comando administrativo da EPac. Geralmente, era menor que o Esquadrão Mediterrâneo, mas composto por tipos semelhantes de navios (NITZE et al., 2019).

Havia, ainda, flotilhas do Cáspio (FCasp), de Azov e do Danúbio (USA, 2015).

Percebemos que as bases operacionais da Marinha soviética estavam distribuídas pela URSS de forma a atender aos propósitos das missões estratégicas estudadas no subitem anterior: buscar portos de águas quentes com saída para o mar aberto; posições estratégicas para defender o território contra ameaças e invasões; e garantir a proteção dos recursos e das LCM. A organização da Marinha soviética pode ser encontrada no APÊNDICE D.

No próximo capítulo, discorreremos sobre a concepção estratégica naval adotada por Vladimir Putin, notadamente após 2015.

3 ANÁLISE DA ESTRATÉGIA NAVAL DA FEDERAÇÃO RUSSA (2015-2022)

Ao assumir a liderança da FRU em 2000, Vladimir Putin passou a desenvolver as capacidades de sua Marinha para aumentar a presença do Estado nos espaços estratégicos de interesse do OM. Para esse fim, reformulou toda a estratégia naval russa, promulgando três documentos estratégicos de alto nível: a *Doutrina Marítima da Federação Russa*²⁹ (DOMAR), em 2015; os *Fundamentos da Política de Estado da Federação Russa no Campo de Operações Navais até 2030*³⁰ (FUNAV), em 2017; e a *Estratégia para o Desenvolvimento das Atividades Marítimas da Rússia até 2030*³¹, em 2019 (STRAM). Tais documentos ainda permanecem em vigor. Um pequeno resumo pode ser encontrado no APÊNDICE E.

Os documentos vislumbram, até 2030, dotar a MFR com:

(...) frotas poderosas e equilibradas em todas as áreas estratégicas, compostas por navios destinados a realizar missões em zonas marítimas próximas, distantes e oceânicas, bem como aviação naval e forças costeiras equipadas com armas de ataque de alta precisão, além de base avançada e sistema de abastecimento³² (FEDERAÇÃO RUSSA, 2017, Art. 46, p. 34, tradução nossa).

Apoiamo-nos, também, em outros dois documentos da Agência de Inteligência de Defesa norte-americana sobre estratégia naval e poder militar russos, para complementar nossas análises: *The Russian Navy*, de 2015; e *Russia Military Power*, de 2017.

29 Traduzido do original em russo *Морская доктрина Российской Федерации*.

30 Traduzido do original em russo *Основ государственной политики Российской Федерации в области военно-морской деятельности на период до 2030 года*.

31 Traduzido do original em russo *Стратегия развития морской деятельности Российской Федерации до 2030 года*.

32 “К 2030 году Российская Федерация должна обладать на всех стратегических направлениях мощными сбалансированными флотами, состоящими из кораблей, предназначенных для выполнения задач в ближних, дальних морских зонах и океанских районах, а также из морской авиации и береговых войск, оснащенных эффективным ударным высокоточным оружием, имеющих развитую систему базирования и обеспечения.”

Após analisar os documentos, nossa pesquisa deduziu que, para atingir os objetivos estratégicos (“fins”), a estratégia naval russa ainda utiliza dez missões estratégicas como “meios”, as quais apresentaremos no próximo subitem. À exceção das missões “Dissuasão Estratégica” e da “Defesa Estratégica”, as outras oito não estão explícitas nos documentos. Para chegarmos a tal, procuramos identificar partes documentais que nos sugerissem as ações estratégicas (os “meios”) que contribuem para a consecução dos objetivos explícitos. Por fim, comparamos as ações com a terminologia das operações estratégicas ocidentais, conforme o fizeram Ranft e Till (1989).

3.1 As dez missões Estratégicas da Marinha Russa

Ao analisar os dos documentos anteriormente citados, deduzimos dez missões estratégicas, apresentadas no APÊNDICE F.

As missões empregadas em tempo de paz são cinco: “Dissuasão Estratégica”, “Diplomacia Naval”, “Presença Estratégica”, “Cooperação Estratégica” e “Controle de guerras locais e regionais”.

A “Dissuasão Estratégica” é a missão principal e mais importante. Constitui empregar as capacidades navais em operações que permitam dissuadir as ameaças à paz e suprimir atos de agressão. No entanto, o entendimento é mais amplo que o ocidental. Envolve armamento nuclear, convencional e não-militar de longa distância e alta precisão. Seus principais objetivos são: manter a estabilidade estratégica e a navegação submarina

regular abaixo do gelo Ártico (SSBN); melhorar as capacidades operacionais e de combate da ENeg, aumentando a concentração de tropas na Península da Crimeia; desenvolver sistema de informações acima e abaixo d'água; e promover a conclusão e implementação de acordos internacionais (FUNAV, 2017).

A “Diplomacia Naval” emprega as forças navais em visitas diplomáticas aos portos de interesse, a fim mostrar a bandeira e as capacidades militares do Estado no OM. Como ações decorrentes dessas visitas, estão previstas realizações de simpósios, conferências, fóruns e seminários internacionais, além da criação de comitês internacionais (FUNAV, 2017).

A “Presença Estratégica” é a demonstração de força por meio de ações de presença permanente em amplas áreas marítimas vitais para a FRU, impedindo conflitos ou assegurando sua utilização (FUNAV, 2017). É quase uma “dissuasão móvel”. A DOMAR (2015), em seu Art. 50, define seis áreas marítimas regionais nas quais prioriza aumentar a presença naval russa para desenvolver as atividades de interesse do Estado. São elas: Atlântico, Ártico, Pacífico, Cáspio, Índico e Antártico.

A “Cooperação Estratégica” envolve operações de combate à pirataria e ao terrorismo, de manutenção e restauração da paz e segurança (*security*³³) internacionais, serviços humanitários, além da manutenção da Lei e da Ordem e da paz global no OM. Envolve, ainda, exercícios, manobras e comissões conjuntas com Marinhas amigas, para manutenção do preparo e aprestamento (FUNAV, 2017; STRAM, 2019).

33 Os termos *security* e *safety* têm traduções semelhantes, significando “segurança”. No entanto, o primeiro refere-se à defesa contra forças adversas provenientes do mar (missão estratégica), envolvendo a aplicação de coerção pelo Poder Naval e por outros órgãos do Estado. O segundo, no entanto, refere-se à segurança do tráfego aquaviário.

Segundo USA (2015), o “Controle de guerras locais e regionais”, última das missões empregada em tempo de paz, tem por objetivo manter a estabilidade em locais ou regiões conflituosas, de interesse estratégico russo.

As guerras locais são ações militares que ocorrem entre dois ou mais Estados beligerantes, conduzidas por forças convencionais dentro de suas fronteiras e limitadas por seus próprios objetivos (territoriais, econômicos, políticos etc), com a participação de grupos de tropas mobilizadas (USA, 2015).

Já as guerras regionais são ações militares que envolvem Forças Nacionais ou coalizões de Estados, convencionais ou nucleares, cujo emprego está voltado para o alcance de metas político-militares mais abrangentes que os seus próprios interesses, afetando uma região ampla, definida não somente por suas fronteiras terrestres, mas também por um MT, uma ZEE (Zona Econômica Exclusiva) e espaço aéreo sobrejacente (USA, 2015).

As missões empregadas em tempo de guerra também são cinco: “Defesa Estratégica” e “Controle de Área Marítima”, na postura “esquadra contra esquadra”; e, “Ataque Estratégico”, “Apoio Logístico Estratégico” e “Projeção de Poder sobre terra”, na postura “esquadra contra terra”.

A “Defesa Estratégica” é a defesa em camadas do território russo e das fronteiras marítimas³⁴ adjacentes, acima e abaixo d’água, por meio de ações estratégicas de ataque ASW, antissuperfície (ASuW³⁵), contramedidas de minagem (AMW³⁶), antimísseis balísticos

34 Englobam o MT e a ZEE russos.

35 O termo no original (inglês) é *Anti-Surface Warfar*.

36 O termo no original (inglês) é *Anti-Mine Warfare*.

(ABM³⁷) e antiaéreos (AAW³⁸). Como segunda missão mais importante, utiliza uma combinação de sistemas de armas convencionais e nucleares, além de mísseis de cruzeiro e balísticos (FUNAV, 2017). Encontra-se apresentada no APÊNDICE G. Segundo USA (2015), divide-se em “Defesa Avançada” e “Defesa Intermediária/Aproximada”.

A “Defesa Avançada”, a 1.000 milhas náuticas das fronteiras russas, é o emprego de forças avançadas para eliminar ou atenuar os efeitos de um ataque de mísseis de cruzeiro terrestres de longo alcance, por meio da neutralização de suas plataformas de lançamento. Compostas por SSBN armados com mísseis ASW e ASuW, grandes navios de superfície e aeronaves, essas forças avançadas são protegidas por seus próprios meios de autodefesa e por aeronaves baseadas em porta-aviões (USA, 2015).

A “Defesa Intermediária/Aproximada” é empregada no combate às ameaças próximas ao território russo, utilizando meios de superfície menores e SSK, armados com mísseis de cruzeiro e torpedos, operações especiais e de minagem (USA, 2015).

A palavra “controle³⁹” aparece mais de 20 vezes nos documentos supramencionados, reportando-se a áreas marítimas. O “Controle de Área Marítima”, local ou remoto, exercido em uma determinada área marítima de interesse, é conduzido pela força naval para garantir a soberania e o desenvolvimento das atividades do Estado nas suas fronteiras marítimas: controle de facilidades portuárias; dos transportes marítimos; da frota mercante e naval nucleares; das atividades de pesca e extração mineral *offshore*; da segurança da navegação (*safety*); da preservação dos recursos naturais; das rotas e LCM,

37 O termo no original (inglês) é *Anti-Balistic Missile*.

38 O termo no original (inglês) é *Anti-Aircraft Warfare*.

39 Traduzido do russo “*контроль*”.

facilitando o trânsito, a entrada e a saída de mercadorias e serviços para o território russo; das operações de meios navais, interconectados por um sistema único de Comando e Controle. Os objetivos estratégicos convergem para que esse controle seja contínuo, automatizado e em tempo real até 2030 (DOMAR, 2015; FUNAV, 2017; STRAM, 2019).

O “Ataque Estratégico” é a punição contra agressão externa ou o uso militar da força contra Estados que violaram a Carta das Nações Unidas e as normas da Lei Internacional, ameaçando os interesses nacionais russos. Emprega as forças navais em operações ofensivas que permitam neutralizar ou eliminar as ameaças à paz e suprimir atos de violação à Lei e à Ordem. Essa missão tem por objetivo destruir o potencial econômico e militar do inimigo, por meio de um ataque lançado do mar às suas instalações vitais em terra (FUNAV, 2017).

Segundo FUNAV (2017), o “Apoio Logístico Estratégico” é o estabelecimento de um grupo-tarefa especializado da esquadra auxiliar, composto por navios e embarcações, para prover apoio multifacetado⁴⁰ às forças navais, em qualquer área marítima de interesse estratégico russo.

A “Projeção de Poder sobre terra” envolve missões anfíbias e apoio de fogo naval às operações costeiras e terrestres. Tem a capacidade para estabelecer um grupo-tarefa anfíbio nas áreas estratégicas de grande ameaça (FUNAV, 2017).

Como última análise, teceremos um breve comentário sobre uma missão estratégica muito conhecida no meio militar contemporâneo, introduzida pelo norte-americano Andrew Krepinevich (1950-), analista de política de defesa e membro do Centro

40 Refere-se às funções logísticas de recursos humanos, saúde, suprimento, manutenção, engenharia, transporte e salvamento.

de Avaliações Estratégicas e Orçamentárias (CSBA)⁴¹, porém não mencionada em quaisquer dos documentos estratégicos atuais da MFR: a missão de “antiacesso” e de “negação de área” (A2/AD)⁴².

A motivação para trazê-la à pauta das discussões é porque, frequentemente, ela é associada à FRU.

Por “antiacesso” (A2), Krepinevich conceitua as estratégias que visam impedir a entrada de forças adversas num TO, empregando armamentos convencionais ou nucleares, de longa distância. Por “negação de área” (AD), as estratégias que visam impedir a liberdade de ação do inimigo, após este ter adentrado os limites de uma área marítima sob nosso controle direto, empregando armamentos convencionais ou nucleares, de média e curta distâncias (KREPINEVICH; WATTS; WORK, 2003).

Depreendemos que a missão estratégica A2/AD, conjuga um misto de estratégias comumente associadas à proteção dos territórios e das áreas marítimas adjacentes sob jurisdição de um Estado, como o praticam a FRU e a República Popular da China. Apesar de contemporânea, não introduz nenhum novo conceito. Teceremos nossas análises sobre essa missão no capítulo 4.

41 Tradução do original *Center for Strategic and Budgetary Assessments*, é um instituto independente de pesquisa de políticas públicas, estabelecido na cidade de Washington, DC, para promover o pensamento inovador sobre planejamento de defesa e estratégias de investimento para o século XXI.

42 Do original em inglês *Anti-Access/Area-Denial*.

3.2 Bases Estratégicas Operacionais da Marinha Russa

Segundo DOMAR (2015), as bases operacionais da Marinha russa continuam estrategicamente distribuídas em cinco áreas regionais, na seguinte disposição: esquadras nos mares do Norte, Báltico, Negro e Oceano Pacífico; além de uma flotilha no mar Cáspio.

Assim como as bases operacionais soviéticas dos idos de Gorshkov, as bases russas continuam dispostas nas mesmas posições do passado para atender ao apelo estratégico de suas missões. Uma clara evidência de que as missões estratégicas russas apresentam certa aderência às teóricas de Gorshkov, mesmo que modificadas pelo ambiente operacional multidimensional e complexo, e pelo desenvolvimento de novas tecnologias. A organização da Marinha russa pode ser encontrada no APÊNDICE H. Informações sobre a moderna Fragata “Almirante Gorshkov”, integrante da ENor, podem ser encontradas no APÊNDICE I.

4 ANÁLISE EVOLUTIVA DAS MISSÕES ESTRATÉGICAS

Neste capítulo, analisaremos cada uma das missões deduzidas para a MFR na atualidade (2015-2022), comparando-as com as missões soviéticas extraídas da teoria de Gorshkov, partindo dos aspectos mais abrangentes (emprego) para as particularidades de cada missão (aplicação). Nosso objetivo é buscar evidências que ratifiquem a existência de um processo evolutivo, do ponto de vista estratégico, entre as missões teóricas soviéticas e as missões reais russas.

Quanto ao emprego da força naval, percebemos que, de Gorshkov a Putin, houve um incremento significativo no número de missões em tempo de paz – de três para cinco. Uma notável evolução já havia sido observada na década de 70, quando Gorshkov as teorizou em aderência à RF. Havia ele bem observado que tais missões faziam o Estado russo prosperar em tempos de paz, beneficiando a capacidade combativa nos tempos de guerra. As missões “Presença Estratégica” e “Cooperação Estratégica” foram inseridas em forte consonância com as percepções de Gorshkov. Deduzimos que o aumento e a diversificação do *soft power*⁴³ russo junto aos Estados aliados e à população local, facilitaram a aceitação das ações navais empreendidas em tempos de guerra. Tomemos como exemplo a anexação da Crimeia em 2014, aprovada massivamente pelos cidadãos russos (LEVINSON, 2022). E a estratégia naval pode ter sido uma forte vertente para se conseguir isso.

43 Forma intangível de poder, aplicada por um Estado para persuadir outros a agirem em proveito de seus objetivos políticos, utilizando valores, cultura e políticas para influenciá-los (NYE, 2004).

As ações militares na paz ditam os resultados na guerra. Uma Marinha forte na paz, poderá lograr êxito na guerra. Putin deve ter a plena consciência disso. O adequado emprego dos meios navais em tempos de paz é uma evolução estratégica que contribui diretamente para o atingimento dos fins políticos.

Quanto à aplicação da força em tempo de guerra, percebemos a diminuição de missões de “esquadra contra esquadra”, em detrimento das missões “esquadra contra a terra”. Uma percepção de que o antigo combate em frente de batalha no mar está em queda. Agora, pode-se infligir danos ou defender o próprio território à distância, sem a necessidade de se colocar os meios frente a frente, numa “batalha decisiva”. Contudo, tal condição dependerá do grau de liberdade para usufruto dos recursos marítimos russos e do desenvolvimento de novas tecnologias que tornem o armamento à distância (convencional e nuclear) mais letal e preciso, bem como os meios de Comando e Controle mais automatizados, em tempo real.

A primeira e mais importante missão da atualidade é a “Dissuasão Estratégica”, destaque nos documentos russos de alto nível. Conforme mencionado, para muitos observadores ocidentais da época de Gorshkov, a “Defesa Estratégica” era a mais relevante que essa missão. Contudo, após 2015, percebemos uma modificação no entendimento estratégico naval russo: hoje, mais vantajoso que atacar ou reagir a um primeiro ataque ao território, é dissuadir o inimigo a não fazê-lo, empregando armamento convencional, nuclear e não-militar de longo alcance e alta precisão para tal. Da mesma forma, colocar as esquadras frente a frente no mar é cair no risco iminente de ser derrotado pela *United States Navy* (USN). Corroborando a análise de emprego da força, a missão em tempo de paz se

sobrepõe à missão em tempo de guerra. Uma evolução na arte de fazer estratégia naval. Como na teoria de Gorshkov, continua a gerar tendências ao acúmulo e à exibição de armas, a fim de infligir efeitos psicológicos no oponente – como ocorrido na Parada Naval, de 31 de julho de 2022, ocasião na qual o Presidente Putin mostrou o poderio de sua imponente Esquadra e assinou a nova Doutrina Naval para a MFR⁴⁴. Ainda em 2022, está previsto o recebimento de 46 meios navais pela MFR, dentre navios de guerra e embarcações de apoio⁴⁵, engrandecendo o arsenal de Putin e potencializando o efeito dissuasório do Estado.

A “Defesa Estratégica”, como segunda missão mais importante na realidade russa, agora é realizada por camadas. Trata-se do conjugado estratégico das antigas “Defesa Estratégica” (camada afastada) e “Defesa do Território” (camada aproximada) do tempo de Gorshkov. A complexidade de sua evolução denota o grau de importância dispensada à defesa do território, tanto por Gorshkov, quanto por Putin. Mais uma vez, acertadamente, nosso teórico moveu as peças no tabuleiro da estratégia, perpetuando o caráter defensivo sem, contudo, deixar de desenvolver as características ofensivas de uma Marinha de águas azuis.

As missões “Domínio do Mar”, “Interdição Marítima” e “Proteção das LCM”, dos tempos de Gorshkov, cederam lugar ao “Controle de Área Marítima”, agora mais completo e tecnológico. O controle das LCM, uma ideia “corbettiana”, é o objeto da guerra naval (CORBETT, 2005). Como no passado, ainda significa usar o mar para seus próprios propósitos

44 ГЛАВНЫЙ военно-морской парад. *Президента России*, 31 jul. 2022. Disponível em: <<http://kremlin.ru/>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

45 ТЕЛЬМАНОВ, Денис. ВМФ России получит в 2022 году 46 новых боевых кораблей и судов обеспечения. *Газета.ru*, 12 jun. 2022. Disponível em: <<https://www.gazeta.ru/>>. Acesso em: 01 ago. 2022.

e impedir que o inimigo o use em seu benefício, além de controlar as atividades produtivas e navais nas fronteiras marítimas do Estado. A evolução observada está no modo de realizar o controle: os documentos russos preveem controle contínuo e em tempo real das forças navais, por meio de um sistema integrado único de Comando e Controle, além do monitoramento automatizado de todas as operações produtivas *offshore*, das atividades dos navios mercantes de bandeira russa e da rota do Mar do Norte (FUNAV, 2017). É o processo evolutivo moderno de três antigas estratégias numa só.

O *modus operandi* da missão “Ataque Estratégico” permaneceu inalterado, utilizando-se das forças navais, principalmente dos SSBN, em operações de ataque contra objetivos em terra. Continua, como nos tempos de Gorshkov, a objetivar a destruição do potencial econômico e militar do inimigo, a fim de influenciar diretamente nos resultados da guerra e nos rumos da política. Contudo, o termo “inimigo” assumiu uma conotação mais nobre: um inimigo particular do Estado russo é, também, inimigo público da comunidade global, violador da Lei e da Ordem e perturbador da paz mundial. Assim, essa missão tornou-se muito mais abrangente e aceitável, por transformar alvos militares particulares em subversores globais da paz – como os terroristas, traficantes, Estados falidos, revoltosos. Deduzimos que houve uma evolução moral da estratégia.

A missão “Operações contra a Costa” cedeu o lugar à “Projeção de poder sobre terra”. Como no passado, utiliza o conjugado anfíbio para projetar poder. A evolução estratégica está nas variações das ações e na relevância de seus efeitos, algo pouco observado no passado soviético. Graças à teoria de Gorshkov, ela se tornou essencial para a conquista de territórios, como ocorrido na invasão da Geórgia (2008) e na atual Guerra

Russo-Ucraniana (GRU, 2022-)⁴⁶. Até 2021, a MFR já contava com 21 meios navais anfíbios⁴⁷, dada a relevância dessa missão.

A missão “Apoio Logístico” é novidade dentre as sugeridas por Gorshkov. Contudo, a RF já havia se destacado no cumprimento dessa missão ao empregar seus navios para o fornecimento de suprimentos à sitiada Leningrado (1941-1944), em apoio às operações de terra, atravessando as águas interiores dos rios Volga e Don, do lago Ladoga e do mar Cáspio – sua maior contribuição para a GGP (RANFT; TILL, 1989). As campanhas do Pacífico, na 2ªGM mostraram a importância de se desenvolver uma logística móvel com bases avançadas, fatores decisivos no conflito por potencializarem as características de permanência e mobilidade numa força naval. Assim, a MFR desenvolve uma logística móvel moderna, integrada ao sistema único de Comando e Controle e às bases avançadas, capaz de suprir as necessidades de tropas e dos meios navais nas mais afastadas áreas marítimas de interesse, por meio de um monitoramento em tempo real. É a evolução da estratégia. Pouco destacada por Gorshkov nas décadas de 1970 e 1980, a logística foi, merecidamente, colocada em outro patamar por Putin. A Logística vence a guerra.

A “Diplomacia Naval” cresceu em importância. Na década de 70, quando começou a ser vislumbrada pela MFR, destinava-se tão somente à realização de visitas de cortesia de seus meios navais aos portos das marinhas amigas e neutras. Hoje, essa missão está muito mais diversificada. Para apoiar a política externa, destinada a salvaguardar os

46 AXE, D. Russia Has Rehearsed An Amphibious Invasion Of Ukraine. But That’s The Least Of Kiev’s Problems. *Forbes*, 18 jan. 2022. Disponível em: <<https://www.forbes.com/?sh=276313e72254>>. Acesso em: 04 ago. 2022.

47 EURASIA NAVAL INSIGHT. *How Strong is the Russian Navy in 2022?* Youtube, 06 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M4huvt0xk-Y&t=5s>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

fins políticos do Estado russo e manter o *status* de potência naval global, a FRU amplia o universo da “*show your flag*” tradicional, expandindo a mentalidade marítima russa até a dimensão da comunidade internacional, por meio da realização de simpósios, conferências, fóruns regionais para debate, palestras e seminários internacionais. Ao introduzir seus interesses políticos como instrumentos socioeducativos, aplica uma espécie de *soft power* russo, angariando a simpatia dos Estados amigos e neutros para as questões marítimas de seu interesse; ou, se não angaria, ao menos põe-nas em debate democrático. É uma realidade que a atual GRU, iniciada em 2014 e com maiores desdobramentos em 2022, tem manchado esse universo diplomático russo. Contudo, não podemos deixar de observar a valiosa contribuição de Gorshkov para as missões de paz e a evolução estratégica dessa missão nos tempos de Putin.

A “Presença Estratégica” é uma missão nova no nome, mas antiga no método. Entendemos que ela cumpre parte da missão “Guerra Local e Limitada” de Gorshkov. A diferença está na amplitude das ações, em virtude do aumento das dimensões das áreas de patrulha: antes locais e limitadas, as áreas agora passam abranger amplos espaços do OM.

Em 2015, com a divulgação de seis áreas marítimas de interesse estratégico para o Estado russo, essa missão subiu de nível (DOMAR, 2015). Manter esquadões de prontidão em vastas áreas do Atlântico, Ártico, Antártico, Pacífico, Cáspio e Índico demandará enorme esforço da Política Marítima Nacional russa, principalmente quanto à aquisição e modernização de meios navais de envergadura compatível para o cumprimento da missão. Aqui está uma aplicação clara da Marinha balanceada de Gorshkov.

A diferença dessa missão para a de “Controle de Guerras Locais e Regionais” é seu objetivo claro: ao manter a presença em vastas regiões marítimas, a patrulha naval busca dissuadir a esquadra inimiga a não agir ofensivamente ou bloquear *choke points* de acesso ao mar aberto. Misto de “esquadra em potência avançada” e “controle de área marítima ampla”, essa missão é essencial para a manutenção dos interesses regionais russos e para garantir acesso a portos de águas quentes. Por exemplo, para garantir acesso ao Índico e manter a paz e a estabilidade no Oriente próximo, a FRU estabelece esquadões em ação de presença permanente no Mediterrâneo – por meio da manutenção de base naval permanente no porto de Tartus, cedida pela Síria⁴⁸ – no Báltico, no mar Negro e no mar de Azov (DOMAR, 2015). A Rússia também tenta ampliar sua presença no Ártico, projetando estabelecer uma nova base naval para garantir a segurança da Rota do Mar do Norte e da costa Ártica.⁴⁹

Não há dúvidas de que essa missão evoluiu da teoria para a realidade, pois potencializou as características de mobilidade e permanência das esquadras russas. Essa foi mais uma cartada certa de Gorshkov, aperfeiçoada por Putin, que se originou da missão “Guerras Locais e Limitadas”.

A “Cooperação Estratégica” talvez seja a missão de maior impacto evolutivo para a estratégia russa pós-GF, apesar de pouco divulgada pela mídia ocidental. A FRU participou ativamente das missões de paz da ONU – Ossétia do Sul, Abecásia, Transnístria, Tadjiquistão,

48 IVANOVA, P. Russia establishing permanent presence at its Syrian bases: RIA. *Reuters*, 26 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.reuters.com/>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

49 MARINHA russa estuda criar Frota Ártica. *Frontliner*. 07 out. 2021. Disponível em: <<https://www.frontliner.com.br/>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

Bósnia e Herzegovina, Kosovo e Metohija, Angola, Chade, Serra Leoa e Sudão⁵⁰ – contribuindo para melhorar a imagem do Estado russo perante a comunidade global. Por envolver operações de manutenção Ordem e da paz mundial, incluindo serviços humanitários, ela potencializa as qualidades de uma potência regional e diversifica as funções da MFR. Gorshkov não havia previsto algo assim. Mas Putin tratou de implementá-la.

Enquanto se preocupa com a estabilidade da paz mundial, a FRU diversifica suas vertentes de poder: as missões de cooperação para combate ao terrorismo e à pirataria vão de encontro aos interesses russos no Golfo da Guiné, entorno estratégico brasileiro, especificamente no projeto do gasoduto da Nigéria⁵¹, um dos maiores produtores de petróleo da África subsaariana. Uma evolução para Gorshkov e para os objetivos russos.

A missão “Controle de Guerras Locais e Regionais” também provém da antiga missão “Guerras Locais e Limitadas” da teoria de Gorshkov. Contudo, no século XXI, as guerras locais assumiram dimensões regionais. Assim, com a transformação da estratégia naval soviética, costeira e defensiva, em estratégia “gorshkoviana”, global e nuclear, inferimos que Putin quis dar amplitude às ações e aos efeitos das missões estratégicas, que agora envolvem operações navais convencionais e nucleares, de forma a atingir pontos decisivos não só em guerras locais e limitadas, mas também em grandes conflitos a nível regional, envolvendo coalizões de FA de diferentes Estados beligerantes, com contingentes militares cada vez mais expressivos. É o caso da GRU, encarada como local pela Rússia, que poderá progredir para um conflito de nível regional com ameaça nuclear. Nas palavras de Putin, caso

50 RUSSIA'S Participation in Peacekeeping Operations. *Ministry of Defence of the Russian Federation*. Disponível em: <https://eng.mil.ru/en/mission/peacekeeping_operations.htm>. Acesso em: 31 jul. 2022.

51 ONUAH, F. Nigeria oil minister says Russia interested in gas pipeline to Morocco. *Reuters*, 03 maio 2022. Disponível em: <<https://www.reuters.com/>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

a OTAN tente “intervir nos eventos em andamento”, fornecendo tropas e suprimentos aos ucranianos, saberá “que a resposta da Rússia será imediata e a levará a consequências nunca experimentadas em sua história” (FRU, 2022, tradução nossa)⁵². Daí, a evolução dessa missão ser tão importante para a defesa dos interesses russos em terra e no mar. Gorshkov a criou. Putin a revolucionou.

Constatamos, ainda, que a MFR emprega largamente o conceito da missão estratégica contemporânea A2/AD, introduzida por Krepinevitch. Didaticamente, admitimos que A2/AD é, essencialmente, a junção de três missões estratégicas russas, a saber: Dissuasão Estratégica (A2), Defesa Estratégica (A2) e Controle de Área Marítima (AD).

Por fim, entendemos que a disposição estratégica das bases navais pelo território russo potencializa os efeitos das missões estratégicas. O fato de serem os mesmos locais observados à época de Gorshkov, nos evidencia aderência à teoria. Claramente, as áreas de atuação se ampliaram, mostrando a evolução estratégica da teoria para a realidade.

52 “Кто бы ни пытался помешать нам, а тем более создавать угрозы для нашей страны, для нашего народа, должны знать, что ответ России будет незамедлительным и приведёт вас к таким последствиям, с которыми вы в своей истории ещё никогда не сталкивались. Мы готовы к любому развитию событий. Все необходимые в этой связи решения приняты. Надеюсь, что я буду услышан.”. Disponível em: <<http://kremlin.ru/>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

5 CONCLUSÃO

Por meio da presente pesquisa, nos debruçamos sobre as dez missões estratégicas deduzidas dos documentos de alto nível da Marinha de Vladimir Putin (2015-2022), e outras dez formuladas a partir da teoria do Poder Marítimo do Estado soviético, introduzidas pelo Almirante Gorshkov. Da comparação desses dois objetos de estudo, nos propusemos a realizar análises evolutivas, em nível de Estado e sob a perspectiva russa, para cada estratégia adotada. De posse das evidências encontradas, nos dispusemos a confirmar se as missões estratégicas da realidade da MFR têm aderência evolutiva às missões estratégicas egressas da teoria de Gorshkov.

No segundo capítulo, estabelecemos a base teórica para fundamentar nossa pesquisa. Nos pautamos nos escritos do Almirante Gorshkov sobre a teoria do Poder Marítimo do Estado, presentes em sua maior obra, *“The Sea Power of States”*, de 1979. Nossa linha de raciocínio foi de encontro às análises de Bryan Ranft e Geoffrey Till que, em 1989, extraíram dez missões estratégicas desses escritos, utilizando as terminologias ocidental e soviética a seu tempo, de forma a proporcionar um maior entendimento do assunto. Localizamos, ainda, as bases estratégicas operacionais da RF nos idos de Gorshkov. Concluímos que, ao assumir as rédeas da Marinha soviética em 1956, o Almirante Gorshkov deixou um legado inestimável. Influenciado pela vergonhosa capitulação de Krushev diante da “quarentena” (bloqueio naval) norte-americana imposta à ilha caribenha de Cuba durante a Crise dos Mísseis de 1962, tratou de transformar a Marinha soviética, ora costeira e de

postura defensiva, numa RF moderna e balanceada, global e nuclear – Marinha de “águas azuis”, capaz de competir com os EUA. Suas missões estratégicas pavimentaram o caminho do poder naval russo até o início dos anos 2000, imprimindo-lhe características de versatilidade, mobilidade, permanência, flexibilidade, prontidão e presença.

No terceiro capítulo, nos dispusemos a estudar três documentos estratégicos de alto nível sobre doutrina naval, fundamentos de operações navais e estratégia naval, divulgados pelo Presidente Vladimir Putin nos anos de 2015, 2017 e 2019, respectivamente. Utilizando metodologia parecida com a de Ranft e Till para identificar “meios” e “caminhos” que alcançassem os objetivos navais estratégicos descritos em tais documentos, inferimos dez outras missões estratégicas empregadas pela Marinha russa da atualidade. Apresentamos, ainda, a atual configuração estratégica das bases operacionais da Marinha pelo território russo. Concluimos que, ao definir novas missões estratégicas para sua Marinha, Putin adaptou as tarefas dos meios às complexas operações navais contemporâneas e aos ambientes de guerra multidimensionais, cada vez mais dependentes da tecnologia nuclear e da pesquisa científica.

Finalmente, no quarto capítulo, comparamos as dez missões estratégicas da Marinha russa, estabelecidas no capítulo três, com as dez missões estratégicas teóricas da RF de Gorshkov, do capítulo dois. Nos propusemos, então, por meio de análise evolutiva, a buscar evidências que confirmassem a existência de evolução estratégica entre as missões teóricas e as missões da realidade russa. Concluimos que, de forma abrangente, as missões “gorshkovianas” foram adaptadas à Esquadra russa, evolucionando a estratégia naval da atualidade.

Iniciando pelo emprego da força naval, evidenciamos a evolução do pensamento estratégico, que percebeu as benesses em investir nas missões estratégicas voltadas para a paz, utilizando o *soft power* em detrimento do *hard power* para trazer prosperidade ao Estado russo e aumentar sua capacidade combativa nos tempos de guerra. Na aplicação da força naval, evidenciamos evolução nos modos de se fazer a guerra: o combate por atrito, em frentes de batalha, é agora substituído por ataque e defesa à distância, com a precisão cirúrgica dos armamentos convencionais e nucleares.

Corroborando com a evolução do emprego, a “Dissuasão Estratégica” passa a ser destaque na estratégia naval russa, evidenciando ser mais vantajoso dissuadir o inimigo a atacá-lo. Já a “Defesa Estratégica”, realizada em duas camadas (afastada e aproximada), evoluiu em complexidade e robustez, mantendo seu grau de importância e conjugando duas antigas missões “gorshkovianas”: “Defesa Estratégica” e “Defesa do Território”.

O “Controle de Área Marítima” é a evolução conjugada das missões estratégicas “Domínio do Mar”, “Interdição Marítima” e “Proteção das LCM”, utilizando-se da tecnologia para realizar o monitoramento e controle em tempo real das atividades produtivas marítimas e navais. A missão “Ataque Estratégico” apresentou uma evolução estratégica moral, ao adotar conotação diferente para inimigos russos particulares, que passam a ser transgressores da paz mundial – terroristas, traficantes, Estados falidos, revoltosos.

A missão “Projeção de Poder sobre Terra” substituiu as “Operações Contra a Costa”. Não evoluiu estrategicamente, apesar de manter seu grau de importância. A missão “Apoio Logístico” foi estabelecida somente no Governo Putin, sendo das mais importantes

para se vencer uma guerra. Representa uma evolução no modo de pensar estratégia logística móvel, apoiada no monitoramento e controle modernos das bases avançadas.

As missões “Diplomacia Naval” e “Presença Estratégica” levaram a Rússia para um outro patamar na evolução estratégica. A primeira, diversificou métodos de emprego, atuando tanto por meio de visitas a portos estrangeiros, quanto por meio de instrumentos socioeducativos para divulgação da mentalidade marítima e atingimento de seus interesses políticos. A segunda, ao se separar da antiga missão “Guerra Local e Limitada”, ampliou seu raio de ação, passando a atuar em vastas áreas marítimas de interesse russo – Atlântico, Ártico, Antártico, Pacífico, Cáspio e Índico, aumentando os graus de mobilidade e permanência da Esquadra.

A “Cooperação Estratégica” contribuiu evolutivamente para a manutenção da Ordem e da paz mundial, robustecendo as qualidades de potência regional. Por esse motivo, é a missão de maior impacto evolutivo. A missão “Controle de guerras locais e regionais”, também proveniente da antiga missão “Guerras Locais e Limitadas”, amplificou as ações e os efeitos das operações navais para Teatros de Operação multidimensionais e mais complexos, empregando armamento convencional e nuclear.

Por fim, deduzimos que a disposição estratégica das bases navais potencializa os efeitos das missões e evidencia aderência à teoria, e que a Federação Russa aplica amplamente o conceito estratégico A2/AD de Krepinevitch, por meio do emprego conjunto de três missões: Dissuasão Estratégica (A2), Defesa Estratégica (A2) e Controle de Área Marítima (AD).

Em vista dos argumentos apresentados, confirmamos que houve um processo evolutivo das missões estratégicas teóricas de Gorshkov para as missões estratégicas da realidade naval russa. A aderência entre estratégias se torna clara, principalmente se observarmos seus efeitos. A evolução está nas evidências encontradas em nossa pesquisa.

As modernas missões estratégicas da realidade naval russa – “Diplomacia”, “Dissuasão”, “Defesa”, “Controle de Área Marítima/Guerras Locais e Regionais”, “Presença”, “Cooperação”, “Logística”, “Ataque” e “Projeção de Poder sobre Terra” – encontram-se em consonância com as escrituras do *“The Sea Power of States”*. Contudo, Putin sabidamente reconheceu a evolução do ambiente operacional da guerra naval desde os idos de Gorshkov, agora multidimensional e complexo, e aperfeiçoou a estratégia naval, otimizando o emprego da força naval em tempos de guerra e de paz, potencializando seus efeitos.

Por fim, como sugestão para trabalhos futuros, propomos que se investigue a adequabilidade e exequibilidade das dez missões estratégicas da moderna MFR à nossa Marinha do Brasil (MB), principalmente as de caráter dissuasório e defensivo por camadas, alusivos ao A2/AD. Com o lançamento do Submarino Convencional de Propulsão Nuclear (SCPN) Álvaro Alberto, previsto para 2034, e a entrada em funcionamento do Sistema de Gerenciamento da Amazônia Azul (SisGAAz), as tarefas básicas (missões estratégicas) de nossa MB poderão ser revisitadas e atualizadas, de forma a garantir que esses recursos sejam eficaz e eficientemente empregados na defesa da soberania e garantia da navegação segura em nosso extenso litoral e vias de comunicação; na pronta resposta a qualquer ameaça, emergência, agressão ou ilegalidade em nossas Águas Jurisdicionais; e no aproveitamento dos recursos marítimos, como o tem feito a Federação Russa.

REFERÊNCIAS

АДМИРАЛ Горшков. *Mil.Press Flot*, 2022. Disponível em: <<https://flot.com/>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

АНТОН, Т. Двести потерянных лет: история самого северного флота России. *История. Рф*, 31 maio 2019. Disponível em: <<https://histrf.ru/>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

AXE, D. Russia Has Rehearsed An Amphibious Invasion Of Ukraine. But That's The Least Of Kiev's Problems. *Forbes*, 18 jan. 2022. Disponível em: <<https://www.forbes.com/?sh=276313e72254>>. Acesso em: 04 ago. 2022.

BLAINEY, G. *A Short History of the Twentieth Century*. Chicago: Ivan R. Dee, 2006. cap. 19.

BRASIL. Marinha do Brasil. Escola de Guerra Naval. O poder marítimo, a busca por uma definição. In: _____. *Nota de Aula: Princípios de Estratégia Marítima*, 2020. p. 30-32. Disponível em: <<https://www.marinha.mil.br/egn/concursoselecaoemos2022>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

CORBETT, J. S. *Some Principles of Maritime Strategy*. The Project Gutenberg eBook, 2005. p. 94. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

COUTO, A. C. *Elementos de Estratégia*, Vol. II. Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares, 1988. p. 59-60.

DUNN, K. A. Power Projection or Influence: Soviet Capabilities for the 1980s. *Naval War College Review*, Newport, v. 33, n. 5, p. 31-47, set. Out. 1980.

ERICKSON, A. S. Office of Naval Intelligence Details Russia's Navy. *Andrew S. Erickson*. 05 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.andrewerickson.com/>>. Acesso em: 30 jul. 2022.

EURASIA NAVAL INSIGHT. *How Strong is the Russian Navy in 2022?* Youtube, 06 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M4huvt0xk-Y&t=5s>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

ГЛАВНЫЙ военно-морской парад. *Президента России*, 31 jul. 2022.⁵³ Disponível em: <<http://kremlin.ru/>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

GORSHKOV, S. G. *The Sea Power of the State*. Translated by the Pergamon Press Ltd. Annapolis: The Naval Institute Press, 1979. 290 p.

53 PRINCIPAL desfile naval. *Presidente da Rússia*, 31 jul. 2022.

HERRICK, R. W. *Soviet Naval Strategy: fifty years of theory and practice*. Annapolis: The Naval Institute Press, 1968. p. 90-96.

HUCKABEY, J. M. *Sea power rivalry: The influence of Admiral Gorshkov on American Naval Thought, 1963-1985*. 2018. 316 f. Thesis (Doctorate in Philosophy) - School of History, The University of Leeds, Leeds, West Yorkshire, 2018.

IVANOVA, P. Russia establishing permanent presence at its Syrian bases: RIA. *Reuters*, 26 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.reuters.com/>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

KAPLAN, R. D. *The Revenge of Geography: what the map tells us about coming conflicts and the battle against fate*, Reprinted ed. New York: Random House Trade Paperbacks, 2013. cap. 10.

KREPINEVICH, Andrew; WATTS, Barry; WORK, Robert. *Meeting the anti-access and area-denial challenge*. Washington: CBSA, 2003. p. 8. Disponível em: <<https://csbaonline.org/uploads/documents/2003.05.20-Anti-Access-Area-Denial-A2-AD.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2022.

LEVINSON, A. Putin may have high ratings. *The Guardian*, 09 maio 2022. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/international>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

NYE, J. S. *Soft Power: the means to success in world politics*. New York: Public Affairs, 2004. 191 p. cap. 1.

MARINHA russa estuda criar Frota Ártica. *Frontliner*. 07 out. 2021. Disponível em: <<https://www.frontliner.com.br/>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

MCCGWIRE, M. K. *Changing Naval Operations and Military Intervention*. Vol. 29, No. 4. Newport: United States Naval War College Press, 1977. p. 625.

MITCHELL, D. W. *A History of Russian and Soviet Sea Power*. New York: Macmillan, 1974. 657 p.

MOMMSEN, K. A. R. The Russian Navy: Russia's pride, strength, and asset. In: KRAUSE, J.; BRUNS, S (Ed.). *Routledge Handbook of Naval Strategy and Security*. London: Routledge, 2016. p. 305-314.

MORGAN, P. M. *Deterrence Now*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 3.

NITZE, P. H. *et al. Securing the Seas: The Soviet Naval Challenge and Western Alliance Options*. London: Routledge, 2019. p. 57-118.

ОНУАН, F. Nigeria oil minister says Russia interested in gas pipeline to Morocco. *Reuters*, 03 maio 2022. Disponível em: <<https://www.reuters.com/>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

OZÓRIO, A. S. O Pensamento Estratégico do Almirante Gorshkov. *A Defesa Nacional*, Rio de Janeiro, n. 733, p. 13-24, Set./Out. 1987.

POLMAR, N.; BROOKS, T. A.; FEDOROFF, G. *Admiral Gorshkov: The Man Who Challenged the U.S. Navy*. Annapolis: The Naval Institute Press, 2019. 264 p.

RANFT, B.; TILL, G. *The Sea in Soviet Strategy*, 2nd ed. Annapolis: The Naval Institute Press, 1989. 284 p.

РОССИЙСКОЙ ФЕДЕРАЦИИ. *Морская доктрина Российской Федерации*. Москва: Правительство Российской Федерации, 2015.⁵⁴ Disponível em: <<https://usnwc.edu/>>. Acesso em: 14 abr. 2022.

РОССИЙСКОЙ ФЕДЕРАЦИИ. Президента России. *Обращение Президента Российской Федерации*. Москва, 24 fev. 2022.⁵⁵ Disponível em: <<http://kremlin.ru/>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

РОССИЙСКОЙ ФЕДЕРАЦИИ. *Основ государственной политики Российской Федерации в области военно-морской деятельности на период до 2030 года*. Москва: Правительство Российской Федерации, 2017.⁵⁶ Disponível em: <<https://usnwc.edu/>>. Acesso em: 14 abr. 2022.

РОССИЙСКОЙ ФЕДЕРАЦИИ. *Стратегия развития морской деятельности Российской Федерации до 2030 года*. Москва: Правительство Российской Федерации, 2019.⁵⁷ Disponível em: <<https://usnwc.edu/>>. Acesso em: 14 abr. 2022.

RUSSIA'S Participation in Peacekeeping Operations. *Ministry of Defence of the Russian Federation*. Disponível em: <https://eng.mil.ru/en/mission/peacekeeping_operations.htm>. Acesso em: 31 jul. 2022.

54 FEDERAÇÃO RUSSA. *Doutrina Marítima da Federação Russa*. Moscou: Governo da Federação Russa, 2015. Publicação referenciada no corpo do texto como "DOMAR, 2015".

55 FEDERAÇÃO RUSSA. Presidente da Rússia. Discurso do Presidente da Federação Russa. Moscou, 24 fev. 2022.

56 FEDERAÇÃO RUSSA. *Fundamentos da Política de Estado da Federação Russa no Campo de Operações Navais até 2030*. Moscou: Governo da Federação Russa, 2017. Publicação referenciada no corpo do texto como "FUNAV, 2017".

57 FEDERAÇÃO RUSSA. *Estratégia para o Desenvolvimento das Atividades Marítimas da Rússia até 2030*. Moscou: Governo da Federação Russa, 2019. Publicação referenciada no corpo do texto como "STRAM, 2019".

RUSSIA test-fires its latest hypersonic Zircon missile. *Thai PBS World*, 29 maio 2022. Disponível em: <<https://www.thaipbsworld.com/>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

SERGEY Gorshkov: Biographie, Kreativitéit, Karriär, Perséinlecht Liewen. *Kultur a Gesellschaft*, 2022. Disponível em: <<https://lb.cultureoeuvre.com/culture-and-society/1>>. Acesso em: 06 ago. 2022.

SOVIET Navy Военно-морской флот СССР. *Naval Encyclopedia*. Disponível em: <<https://naval-encyclopedia.com/>>. Acesso em: 30 jul. 2022.

SPELLER, I. Combat operations at sea: exploiting sea control. In: _____. *Understanding Naval Warfare*, 2nd ed. London: Routledge, 2019. p. 136-140.

ТЕЛЬМАНОВ, Денис. ВМФ России получит в 2022 году 46 новых боевых кораблей и судов обеспечения. *Газета.ru*, 12 jun. 2022.⁵⁸ Disponível em: <<https://www.gazeta.ru/>>. Acesso em: 01 ago. 2022.

TILL, G. *Maritime Strategy and the Nuclear Age*, 2nd ed. London: Macmillan, 1984. p. 128-139, 188-192.

UNITED STATES OF AMERICA. Defense Intelligence Agency. *Russia Military Power: building a military to support great power aspirations*. Washington, D.C., 2017. p. 32-34 e 66-70. Disponível em: <www.dia.mil>. Acesso em: 14 jul. 2022.

UNITED STATES OF AMERICA. United States Navy. Office of Naval Intelligence. *The Russian Navy: a historic transition*. Washington, D.C., 2015. Disponível em: <<https://www.oni.navy.mil/>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

VIDIGAL, A. A. F. A Evolução Tecnológica no Setor Naval na Segunda Metade do Século XIX e as Consequências para a Marinha do Brasil. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, v. 120, p. 131-197, 4^o Tri. 2000.

WEDIN, Lars. *Estratégias Marítimas no Século XXI: A contribuição do Almirante Castex*. Tradução: Reginaldo Gomes Garcia dos Reis, Gustavo Leite Cypriano Neves, Paulo Roberto Blanco Ozorio. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2015. cap. 1. p. 31-46. Disponível em: <<https://www.marinha.mil.br/egn/concursoselecaoemos2023>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

WERTHEIM, E. Russia's Potent New Frigates. *U. S. Naval Institute*, Fev. 2020. Disponível em: <<https://www.usni.org/>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

58 Telmanov, Denis. A Marinha Russa receberá 46 novos navios de guerra e embarcações de apoio em 2022. *Gazeta.ru*, 12 jun. 2022.

APÊNDICE A – A Construção da Estratégia Naval Russa (1696-1962)

Embora a Marinha Russa tenha sido fundada em 1696 por Pedro I (o Grande, 1672-1725), sua tradição marítima data do século IX, quando a estratégia medieval ainda se concentrava na defesa das rotas comerciais ribeirinhas para proporcionar o escoamento de produtos e as linhas de comunicação entre os vikings⁵⁹ e gregos, do mar Báltico ao mar Negro, desenvolvendo o mercado de Constantinopla. Nesse momento, *Rus de Kiev*⁶⁰ ainda era o centro do poder (USA, 2015).

No século XII, o comércio no Báltico foi perdido para os Cavaleiros Teutônicos⁶¹ e suecos durante as invasões mongóis, e o centro de poder migrou para Moscou. Somente no século XVI, durante o reinado do primeiro czar da Rússia, Ivan IV (o Terrível, 1530-1584), os canatos de Cazã, Astracã e Sibéria foram derrotados e as rotas comerciais com a Europa restabelecidas, por meio do porto de Arkhangelsk, no Mar Branco que, embora permanecesse sazonalmente congelado, facilitava o acesso aos mares de Barents e da Noruega (USA, 2015).

No século seguinte, pouco antes de fundar o império Russo em 1721, o czar Pedro I, da casa Romanov, estabeleceu em 1696 uma Marinha regular e, com ela, uma série

59 O termo *Vikings* se refere aos piratas e comerciantes marítimos escandinavos que invadiram e se estabeleceram em muitas partes do noroeste da Europa entre os séculos VIII e XI.

60 Nome dado à confederação de tribos eslavas estabelecidas no Leste Europeu, entre o mar Báltico e o mar Negro, durante os séculos IX ao XIII. Deu origem aos Estados da Bielorrússia, Ucrânia e Rússia. Seu primeiro governante foi o príncipe varegue Oleg, de origem escandinava, da dinastia Rurik.

61 Ordem Militar Cruzada, vinculada à Igreja católica por meio de votos religiosos. Composta por recrutados da nobreza germânica, foi fundada em 1190 com o objetivo de auxiliar germânicos feridos nas Cruzadas. Em 1255, fundaram a cidade do Kaliningrado, sob o nome de Königsberg, retomado pelos soviéticos somente em 1945.

de regulamentos, códigos navais, bandeiras de sinalização e de identificação (a bandeira de Santo André), o Almirantado e, não menos importante, a concepção estratégica naval (USA, 2015).

Para derrotar os turcos e suecos, recuperar o acesso aos mares Negro e Báltico (saídas para o mar) e defender suas fronteiras de agressores, percebemos a necessidade russa de modificar o pensamento estratégico, ora estritamente ribeirinho, para defensivo e costeiro, que desse suporte às ações do Exército em terra e combate aos navios inimigos no mar em proteção às LCM de sua frota mercante.

Nesse sentido, o Império Russo pôs-se a construir inúmeras – e relativamente pequenas, mas facilmente manobráveis - galeras a remo e vela, munidas de canhões, que lhe garantiriam vantagem assimétrica no mar e acesso permanente ao mar Báltico, ao suplantarem os suecos na Grande Guerra do Norte (1700-1721) (USA, 2015).

Em 1703, foi estabelecida a EBalt e São Petersburgo se tornou a capital do Império, a “janela para a Europa” e sede do Almirantado e do Comando da Marinha. Em 1722, Pedro I também estabeleceu a FCasp (USA, 2015).

Adotando essa mesma concepção estratégica, uma base russa permanente foi obtida no mar Negro, sob o reinado de Catarina II (a Grande, 1729-1796), após fragorosa vitória sobre os turco-otomanos na Batalha de Chesma, ocorrida entre 5 e 7 de julho de 1770, durante a Guerra Russo-Turca (1768-1774). Por ora, os russos voltariam a ter acesso irrestrito aos estreitos turcos e, por conseguinte, ao mar Mediterrâneo (USA, 2015).

Mommsen (2016) observa que, enquanto o reinado de Pedro I manteve a esquadra focada no mar Báltico, cinquenta anos depois, Catarina II deslocou o interesse

russo para o flanco sul do território, conquistando a Crimeia. Assim, em 1783 era fundada a cidade de Sevastopol e estabelecida a ENeg. Contudo, o primeiro esquadrão naval a operar no mar Mediterrâneo pertencia à EBalt.

O Império não estabeleceu quaisquer concepções navais estratégicas para as esquadras ao norte (no mar de Barents e mar Branco) e a leste (no mar de Okhotsk e Oceano Pacífico Norte): como a expansão marítima para essas regiões foi prematura e não sofreu oposição de forças inimigas, os russos descuidaram por não desenvolver capacidades defensivas ou ofensivas nessas esquadras (USA, 2015).

A EPac (antiga Flotilha do mar de Okhotsk) foi estabelecida em 1731. Em 1860, era fundada a cidade de Vladivostok na costa do Pacífico. Contudo, o embrião da ENor, a Flotilha do Ártico, só viria a ser criada em 1916, durante a 1ªGM, pela precípua necessidade de proteger as rotas de transporte dos ataques dos Impérios Centrais pelo mar de Barents (AHTOH, 2019).

Durante a transição dos navios da vela para o vapor, no século XIX, o Império Russo continuou a se envolver em conflitos com os turcos e os persas. Destacamos a eclosão da Guerra da Crimeia (1853-1856), iniciada após a invasão russa dos principados otomanos às margens do rio Danúbio. A Batalha de Sinope, ocorrida em 30 de novembro de 1853, registrou o último conflito entre navios a vela e o primeiro entre navios a vapor. Ao final da guerra, os russos saíram derrotados pelos turcos, britânicos e franceses e, conforme estabeleceu o Tratado de Paris de 1856, foram impedidos de manter bases ou forças navais no mar Negro. Ainda ocorreram conflitos com os persas entre 1803-1813 e 1826-1827, cujos

resultados concederam aos russos direito exclusivo para manter um porto seguro no mar Cáspio (USA, 2015).

Observamos, pois, que a postura estratégica naval defensiva ainda era largamente adotada, com o objetivo de assegurar uma saída para o mar Mediterrâneo e defender os flancos do território de uma incursão inimiga, como as do século XII.

Para a Marinha Imperial Russa, o século XIX só terminou após a conclusão da Batalha do Estreito de Tsushima, travada durante a Guerra Russo-Japonesa (1904-1905). Por descuidos do Império, a EPac demorou-se para definir uma postura estratégica. Seu despreparo militar em prontidão e técnicas de combate levaram à perda de dois encouraçados e um cruzador, resultado do bloqueio naval japonês a Port Arthur em 1904. Mesmo após o envio de parte da EBalt para reforçar a EPac, o fim era previsível: apresentando sinais de desgaste, após uma viagem de 220 dias contornando o continente africano e atravessando o oceano Índico, o orgulho russo foi manchado fragorosamente. Com o fim da batalha, o Japão obteve acesso irrestrito à China e à península coreana, confirmando seu *status* de potência (USA, 2015).

A humilhante derrota russa em uma batalha decisiva marcou o fim da utilização das baterias mistas de calibres variados, inferiores tecnicamente aos da esquadra nipônica, e o início do emprego dos canhões navais de 12 polegadas, que atiravam a uma distância superior a 10.000 jardas. Proporcionou, ainda, o surgimento do HMS⁶² *Dreadnought* em 1906, na Inglaterra, fruto da ótima administração do Almirante Sir John Fisher (1841-1920), inaugurando a era dos *all big-gun ships* (VIDIGAL, 2000).

62 Prefixo utilizado para os navios pertencentes à *Royal Navy*.

Ainda escancarou as mazelas de uma Rússia militarmente desorganizada, logística e operativamente; e portanto, despreparada para o combate. Suas consequências agravaram ainda mais as greves e revoltas populares contra o regime do czar Nicolau II, culminando na Revolução de 1917. A Batalha de Tsushima é a evidência de que uma concepção estratégica não pode ser facilmente modificada: uma Marinha de águas costeiras não se transforma noutra de águas azuis da noite para o dia.

Ao final da Batalha de Tsushima, o Império russo começou a pensar na reconstrução da Marinha. Em 1913, lançou o primeiro *destroyer* da Classe *Novik*, capaz de alcançar impressionantes 37,7 nós. Contudo, a eclosão da 1ªGM e a vindoura Revolução de 1917 impediram a renovação dos meios navais (USA, 2015).

Segundo Ranft e Till (1989), havia duas razões contraditórias para isso. A primeira, dizia respeito ao prestígio versus desprezo: apesar de ter participado ativamente em apoio à tomada do poder pelo Partido Bolchevique⁶³ e ter sido criada formalmente por Lênin em 1918, a RF perdeu prestígio quando marinheiros insurretos eclodiram uma revolta no Kronstadt (1921) e por possuir ex-czaristas em seu comando. A segunda, uma contradição entre os conceitos estratégicos ensinados nas academias navais sobre uma marinha global, onde figuravam NAe e outros novos tipos de meios, e a crise econômica na qual estava mergulhada a Rússia, impossibilitando a utilização de seus parques recursos orçamentários com meios navais. Por ora, perdeu-se a chance de modificar a concepção estratégica e de transformar a Rússia numa potência de águas azuis.

63 Foi o cruzador *Aurora*, da EBalt que, em 25 de outubro de 1917, sinalizou para que os bolcheviques invadissem o Palácio de Inverno do czar (RANFT; TILL, 1989).

Fundamentada na ideologia leninista-marxista, a estratégia naval permanecia inalterada: defesa da costa, realizada com meios de superfície leves, submarinos, minas e aviação baseada em terra. E, apesar de parecer semelhante, a “*Young School*” russa não tinha nenhuma correspondência com a “*Jeune École*” francesa do século XIX, de caráter ofensivo e baseada em ataques irrestritos às LCM britânicas. A doutrina do Comando no mar, tão apregoada por Mahan, e o uso do NAE eram tratados como práticas capitalistas e imperialistas (RANFT; TILL, 1989).

Ao término da 1ªGM, as forças navais russas não passavam de poucos navios obsoletos e espalhados pelos portos, incapazes de contribuir com as operações do RA (USA, 2015).

Um novo estímulo para a modificação na concepção estratégica da RF surgiu quando o georgiano Josef Stalin (1878-1953) colocou em prática seu ambicioso plano de industrialização acelerada⁶⁴ em meados de 1920, já à frente da URSS. Os planos incluíam a recapitalização de estaleiros nacionais, com prioridade para os de Leningrado⁶⁵, e a construção de outro em Severodvinsk, no mar Branco. Pela segunda vez, a reconstrução dos meios navais foi retomada, com o intuito de criar uma Força Naval Soviética forte e competitiva, capaz de operar no mar aberto (USA, 2015).

64 A industrialização acelerada da URSS fez parte dos Planos Quinquenais aplicados por Stalin, que dava prioridade às áreas relacionadas à metalurgia, siderurgia, extração de combustíveis fósseis e produção de energia elétrica.

65 Nome pelo qual ficou conhecida a cidade de São Petersburgo entre 1924 e 1991. Essa era a segunda vez que mudara de nome. A primeira foi em 1914, para Petrogrado.

Em 1933, com a recuperação da economia soviética, iniciou-se a produção de submarinos em larga escala. Em 1939, a URSS já possuía a maior frota de submersíveis do mundo (RANFT; TILL, 1989).

Por conta da crescente remilitarização da Alemanha na década de 30, mesmo após os Tratados Navais de Washington (1922) e Londres (1930 e 1936), e da incapacidade técnica apresentada pelos meios navais soviéticos para intervir na Guerra Civil Espanhola (1936-1939) em favor dos republicanos, Stalin decidiu que deveria fortalecer sua RF com navios ainda maiores, conforme contam Ranft e Till (1989). Deu início a um programa que contava com a modernização de três encouraçados e a construção de uma nova classe de cruzadores pesados. Só não construiu um novo encouraçado e um NAe porque os estaleiros e as indústrias bélicas soviéticas eram inadequados para tal.

Avançando um pouco no tempo, durante a GGP a RF atuou em cinco TO: nos mares Báltico e Negro; nos oceanos Ártico e Pacífico; e nas águas interiores soviéticas. A invasão alemã estagnou a construção de meios navais, forçando a RF a adotar, novamente, um perfil estratégico totalmente defensivo, seja apoiando os flancos costeiros do RA, defendendo LCM logísticas e de suprimentos, ou utilizando os navios pesados como fortalezas para as cidades cercadas e as embarcações mais leves para proteger o abastecimento no mar ou nas águas interiores para os civis e as guarnições (RANFT; TILL, 1989). Mitchel (1978) menciona que, caso a RF não tivesse assumido esse perfil, o resultado do cerco alemão à cidade de Leningrado, por 900 dias, teria sido desastroso.

A Esquadra da RF era composta por dois encouraçados, ao menos três cruzadores e um número substancial de *destroyers* e SSK. Contudo, mesmo quando alcançavam

superioridade local, as forças de superfície soviéticas não tomavam a iniciativa, permanecendo em suas funções defensivas habituais. As operações submarinas também demonstravam desorganização (RANFT; TILL, 1989).

No mar Negro, as ações empreendidas pelas forças navais soviéticas em defesa de Odessa e Sevastopol, das quais participou Gorshkov, não prosperaram. No Ártico, a defesa dos comboios britânico e norte-americano que traziam provisões de guerra para o território soviético não foi significativa, em quantidade ou qualidade. No Pacífico, as operações anfíbias na Coreia e nas Ilhas Kurilas não sofreram grande oposição japonesa, logrando êxito sobretudo após o suporte norte-americano de embarcações e navios de desembarque⁶⁶ (LC). (RANFT; TILL, 1989).

As operações de maior relevância ocorreram em águas interiores, entre o mar Cáspio, os rios Don e Volga, e o lago Ladoga, em apoio ao RA ou assegurando a chegada de suprimentos para a cidade de Leningrado enquanto cercada pelos alemães. De certa forma, a *expertise* operacional corroborou para o sucesso nesse tipo de operação (RANFT; TILL, 1989).

Ao final da GGP, a RF manteve sua concepção estratégica defensiva e costeira. Desperdiçou todas as oportunidades para demonstrar sua relevância frente ao RA, fugindo do protagonismo das ações no mar. Ao contrário da RN e da USN, pouco contribuiu para a vitória final e não afundou um único grande navio de guerra alemão, mas perdeu um encouraçado, dois cruzadores e cerca de cinquenta *destroyers*. Apresentava material defeituoso e inadequado para operar em mar aberto, além de não produzir os resultados

66 O termo no original (inglês) é “*Landing Craft*”.

esperados, mesmo com uma força de SSK de elite e outra de minagem à disposição (RANFT; TILL, 1989).

No período pós-2ªGM (1949-1991), o grau de importância no emprego dos NAE, SSBN e forças anfíbias no TO marítimo aumentou, sobretudo porque os dois primeiros serviriam como vetores de lançamento de ogivas nucleares⁶⁷, tanto para ataque quanto para deterrência⁶⁸, pondo fim à guerra; e o terceiro por ser decisivo na conquista de territórios estratégicos⁶⁹ (RANFT; TILL, 1989).

Preocupados com uma possível eclosão de guerra nuclear, alguns Estados se aliaram militarmente em verdadeiros blocos, seguindo a bipolaridade do Sistema Internacional. Menciona Gorshkov (1979) que, no Ocidente, sob a batuta dos EUA, foram criadas a OTAN, a *Southeast Asia Treaty Organization* (SEATO, 1954-1977) e a *Central Treaty Organization* (CENTO, 1955-1979). No Oriente, os desafiantes socialistas liderados pela URSS, uniram-se por meio do Pacto de Varsóvia (PV, 1955-1991). Ambos concordavam em realizar defesa mútua em resposta a um ataque por quaisquer entidades externas às organizações. OTAN e PV dominaram o cenário das relações internacionais até 1991.

Para os EUA, era importante desenvolver doutrinas de interdependência e integração militar entre os Estados componentes, a fim de facilitar a difusão da mentalidade capitalista e imperialista. Assim, segundo Gorshkov (1979), pode-se dividir o

67 A exemplo dos bombardeiros B-29 “*Enola Gay*” e “*Bockscar*”, que lançaram as bombas atômicas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki, respectivamente.

68 Refere-se à ação que tem como meta impedir que uma potência adversa, numa situação dada, recorra a determinados meios de coação em virtude da existência de um conjunto de meios e de disposições nossas capazes de representar uma ameaça suficientemente desencorajadora (COUTO, 1988). A deterrência pode se dar por meio de armas convencionais ou estratégicas (nucleares).

69 A exemplo dos desembarques anfíbios aliados bem sucedidos na Sicília, em 1943, durante a Campanha da Itália; nas praias da Normandia, no norte da França, em 1944 (o Dia “D” da Operação *Overlord*); ou nas campanhas do Pacífico.

desenvolvimento da doutrina norte-americana em três estágios, que deram origem a três concepções estratégicas nacionais.

O primeiro estágio, de meados dos anos 40 até o início dos anos 60, traz o conceito estratégico de “retaliação em massa”, em resposta à política de “contenção” norte-americana. Defendia a realização de guerra nuclear global (guerra total) contra a URSS e os Estados socialistas, evitando assim um primeiro ataque soviético. As guerras limitadas eram admitidas somente nas partes menos desenvolvidas do globo, fora do TO europeu. Considerava a bomba atômica como “arma absoluta”, consolidando inicialmente o bombardeiro estratégico da *United States Air Force* (USAF) como o seu principal vetor de ataque. Nesse sentido, o território norte-americano permanecia fora do TO, protegido pelos círculos de máximo alcance dos bombardeiros de longa distância, centrados nas bases estrangeiras próximas à fronteira soviética, quebrando-lhe facilmente a defesa anti-aérea para bombardear Moscou e outras cidades. Os *gaps* do TO seriam cobertos pelas forças navais (GORSHKOV, 1979).

Contudo, com o início da produção de armas nucleares pelos soviéticos e consequente perda do “monopólio atômico” norte-americano, os EUA decidiram por utilizar cada vez mais a esquadra no transporte de artefatos nucleares, dependendo cada vez menos das bases aéreas em solo estrangeiro. Conseqüentemente, a “retaliação em massa” acabou por consagrar a USN como a mais importante dentre as FA; e o conjugado “aviação estratégica-NAe” como principal vetor de transporte de armas nucleares da era atômica. No caso de um conflito nuclear, somente a Marinha seria capaz de cumprir grandes tarefas

estratégicas e de exercer influência direta sobre o curso e resultado da guerra (GORSHKOV, 1979).

Segundo Ranft e Till (1989), com a crescente presença militar norte-americana no Pacífico e Mediterrâneo, Stalin logo observou a necessidade de reconstruir a RF. Aceitou a ideia de que os grandes navios de guerra deveriam ser substituídos por cruzadores pesados, *destroyers* e embarcações leves de superfície, além de SSBN e aviação baseada em terra. Novamente, descartou os NAe e a aviação naval, muito mais pela incapacidade do setor industrial soviético em construí-los que por sua vontade própria.

Até este ponto, percebemos a predominância de uma única estratégia militar-naval, adotada tanto pelo Império Russo quanto pela URSS: trata-se de uma postura costeira e defensiva, em apoio às forças terrestres, a fim de assegurar a defesa dos territórios conquistados e a proteção de suas esquadras, repelir os invasores e garantir um porto de águas quentes com saída para o mar aberto para, assim, realizar suas trocas comerciais. Até meados do século XX, a expressão militar do poder soviético residia nas forças terrestres. As forças navais eram meras coadjuvantes. Dedicavam-se em aprimorar os meios, os armamentos e o treinamento do pessoal para melhor apoiar as operações em terra.

Contudo, no início dos anos 60, um incidente diplomático mudaria o curso da GF, trazendo um novo entendimento à concepção estratégica naval soviética. A Crise dos Mísseis de Cuba, em outubro de 1962, foi o evento mais próximo de uma guerra nuclear que o mundo já presenciou, entre soviéticos e norte-americanos. Após confirmar a instalação de bases de mísseis em solo cubano e o fornecimento de ogivas nucleares soviéticas para o ex-Presidente cubano Fidel Castro (1926-2016), o ex-Presidente norte-americano John

Fitzgerald Kennedy (1917-1963) estabeleceu um bloqueio naval (quarentena) a cerca de 800 Km da ilha. Durante a operação, as belonaves da USN avistaram mais de 20 navios soviéticos navegando em direção a Cuba, escoltados por vários SSBN Classe *Foxtrot*, prestes a atravessar o limite do bloqueio. Um deles, o *Poltava*, carregava as ogivas (BLAINEY, 2006).

Kennedy ordenou que o bloqueio fosse mantido e que cargas nucleares de profundidade fossem lançadas para forçar os SSBN a emergir. Kruschev também não recuou, autorizando o lançamento de torpedos (SPELLER, 2019).

A questão foi resolvida no ponto culminante do conflito, antes que as ações de superfície ofensivas tomassem vulto, por meio de “linha direta” entre a Casa Branca e o Kremlin. Pelo acordo, a URSS retirava suas armas de Cuba, sob a promessa de que a ilha não seria invadida pelos norte-americanos (BLAINEY, 2006).

Conforme menciona Speller (2019), as forças antissubmarinas norte-americanas lançaram cargas de alerta, forçando três SSBN soviéticos (B-36, B-59 e B-130) a emergir. Depois, perseguiram-nos até que suas baterias se esgotassem. Os Comandantes dos SSBN decidiram por emergir, evitando uma guerra nuclear. Contudo, esse evento foi humilhante para a RF que, impotente perante o poder naval ocidental, saiu derrotada.

Após a Crise de Mísseis, a concepção estratégica de “retaliação em massa” tornou-se insustentável e obsoleta para os EUA, sobretudo com aumento do poderio militar soviético, atualizado com os avanços tecnológicos em armamento nuclear, impossibilitando que os objetivos políticos norte-americanos fossem alcançados mantendo seu território invulnerável (GORSHKOV, 1979).

De acordo com Gorshkov (1979), após 1962 os EUA adotaram a estratégia de “resposta flexível”, segundo estágio de sua doutrina, que possibilitavam-nos realizar tanto uma guerra nuclear global (total), quanto guerras restritas (limitadas), com e sem armas nucleares, contra regimes socialistas, inclusive os da Ásia, Europa e América Latina. Para esse fim, desenvolveram os SLBM *Polaris* e o míssil balístico intercontinental *Minuteman*.

É nesse contexto que surge Gorshkov, militar que havia participado ativamente da GGP e presenciara a derrota de seus compatriotas na Crise dos Mísseis. Ao assumir o posto de Almirante de Esquadra em abril de 1962, tentou redirecionar a estratégia naval soviética, possibilitando à RF operar em todos os oceanos, disputar o controle do mar em tempo de guerra e servir como importante instrumento da diplomacia em tempo de paz (BRASIL, 2020).

APÊNDICE B – Biografia do Almirante Gorshkov



FIGURA 1 – O Comandante-em-Chefe da Marinha Gorshkov.
Fonte: Site *Kultur a Gesellschaft*, 2022.

Sergey Georgyevich Gorshkov foi um extraordinário líder militar soviético, Comandante da Marinha. Criador da primeira frota nacional de mísseis nucleares. Vencedor dos Prêmios Lenin e do Estado, duas vezes herói da União Soviética.

O futuro líder militar nasceu em 26 de fevereiro de 1910, na pequena cidade ucraniana de Kamenets-Podolsky. Quando ele tinha apenas dois anos, sua família se mudou para a cidade de Kolomna. Os pais de Sergey eram professores e davam muita atenção à educação do filho. Após o sucesso no ensino médio, por insistência de sua família, ele entrou na Universidade de Física e Matemática. Mas Sergey não foi para a universidade e, em menos de um ano depois, deixou a universidade.

Carreira militar

Gorshkov abandonou a universidade em 1927. Em outubro do mesmo ano, ingressou no exército, onde construiu sua carreira. Após dispensa do serviço, ele entrou na Escola Naval de São Petersburgo. Em 1931, completou seus estudos com sucesso e serviu na Flotilha do mar de Azov. Em novembro daquele ano, foi promovido a chefe de vigilância do destroyer *Frunze*. Dois meses depois, foi promovido ao cargo de Navegador.

Na primavera de 1932, o Comando decidiu transferir uma força militar promissora para a Esquadra do Pacífico. Em novembro de 1934, Gorshkov havia ascendido ao posto de Comandante, liderando o navio-patrolha *Burun*. Em 1937 ministrou cursos de formação e qualificação para comandantes de navios. Em outubro, foi nomeado chefe de gabinete.

Em maio do ano seguinte, ele liderou uma brigada de destruição de combate na Esquadra do Pacífico. No verão, sua brigada participou das batalhas com os japoneses no lago Khasan. Em 1940, Gorshkov foi enviado para a Esquadra do Mar Negro, onde liderou um esquadrão de cruzadores.

A Grande Guerra Patriótica

Gorshkov participou da guerra desde o início (junho de 1941). Sua brigada foi encarregada do Mar Negro e das costas adjacentes. Em agosto, ele se destacou pela primeira vez como um líder militar extraordinário na defesa de Odessa. Em outubro, foi nomeado Comandante da Flotilha do mar de Azov. Em novembro de 1942, permaneceu como Comandante interino do 47º Exército. Esta foi a única vez em toda a guerra que um Oficial da Marinha comandou uma força terrestre.

No início de 1943, ele retornou ao posto de Comandante da Flotilha de Azov. Forneceu assistência máxima às forças terrestres durante a operação Donbass. Em abril de 1944, Gorshkov foi transferido para a Flotilha do Danúbio, onde participou de operações ofensivas. No final do ano, o talentoso líder militar foi destituído do cargo e enviado de volta ao Mar Negro, onde se encontrou no final da guerra.

Depois da guerra: vida e morte

Após a guerra, Gorshkov comandou a Esquadra do Mar Negro por vários anos. Em 1948 foi nomeado Chefe de Gabinete. Em janeiro de 1956 foi nomeado Comandante-em-Chefe da Marinha soviética, onde permaneceu até 1985. Ele dedicou muito menos tempo à sua vida pessoal do que ao trabalho. O famoso Almirante morreu em maio de 1988, quando tinha 78 anos e, nove anos depois sua esposa Zinaida também faleceu, sendo enterrada ao seu lado.⁷⁰



FIGURA 2 – O Almirante Gorshkov.
Fonte: Site Kultur a Gesellschaft, 2022.

70 SERGEY Gorshkov: Biographie, Kreativitéit, Karriär, Perséinlecht Liewen. Kultur a Gesellschaft, 2022. Disponível em: <<https://lb.cultureoeuvre.com/culture-and-society/1>>. Acesso em: 06 ago. 2022.

APÊNDICE C – As Missões da Estratégicas de Gorshkov

Os escritos de Gorshkov sugerem uma estrutura de dez missões estratégicas. Para maior entendimento, Ranft e Till (1989) utilizaram tanto a terminologia ocidental, quanto a soviética, reunindo-as conforme disposto no QUADRO 1:

QUADRO 1
Missões estratégicas da *Red Fleet* (1962-1985)

Emprego	Aplicação	Missões Estratégicas
Em tempo de Guerra	Esquadra contra Esquadra	Domínio do Mar
		Defesa do território
		Defesa Estratégica
	Esquadra contra terra	Ataque Estratégico
		Operações contra a costa
		Interdição Marítima
		Proteção das LCM
Em tempo de Paz	..	Dissuasão Estratégica
		Diplomacia Naval
		Guerra local e limitada

Fonte: RANFT, B.; TILL, G, 1989, p. 158.

APÊNDICE D – Organização da Marinha Soviética



FIGURA 3 – Bases navais estratégicas da *Red Fleet* e pontos de acesso ao mar.
 Fonte: Elaboração própria a partir da ilustração de DUNN, K. A., 1980, p. 41.

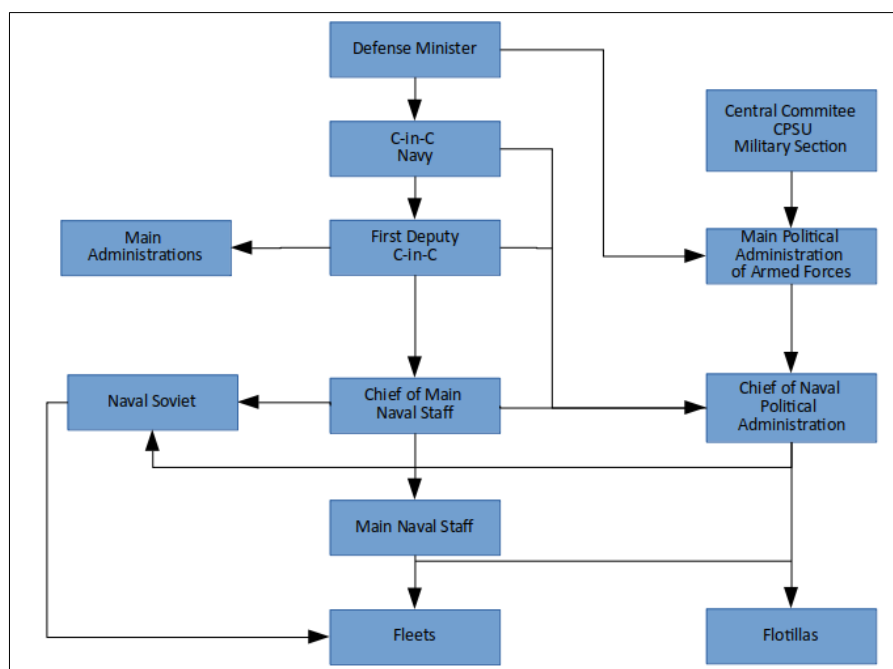


FIGURA 4 – Estrutura de Comando da Marinha Soviética.

Fonte: Elaboração própria a partir da ilustração de RANFT, B.; TILL, G., 1989. p. 135.

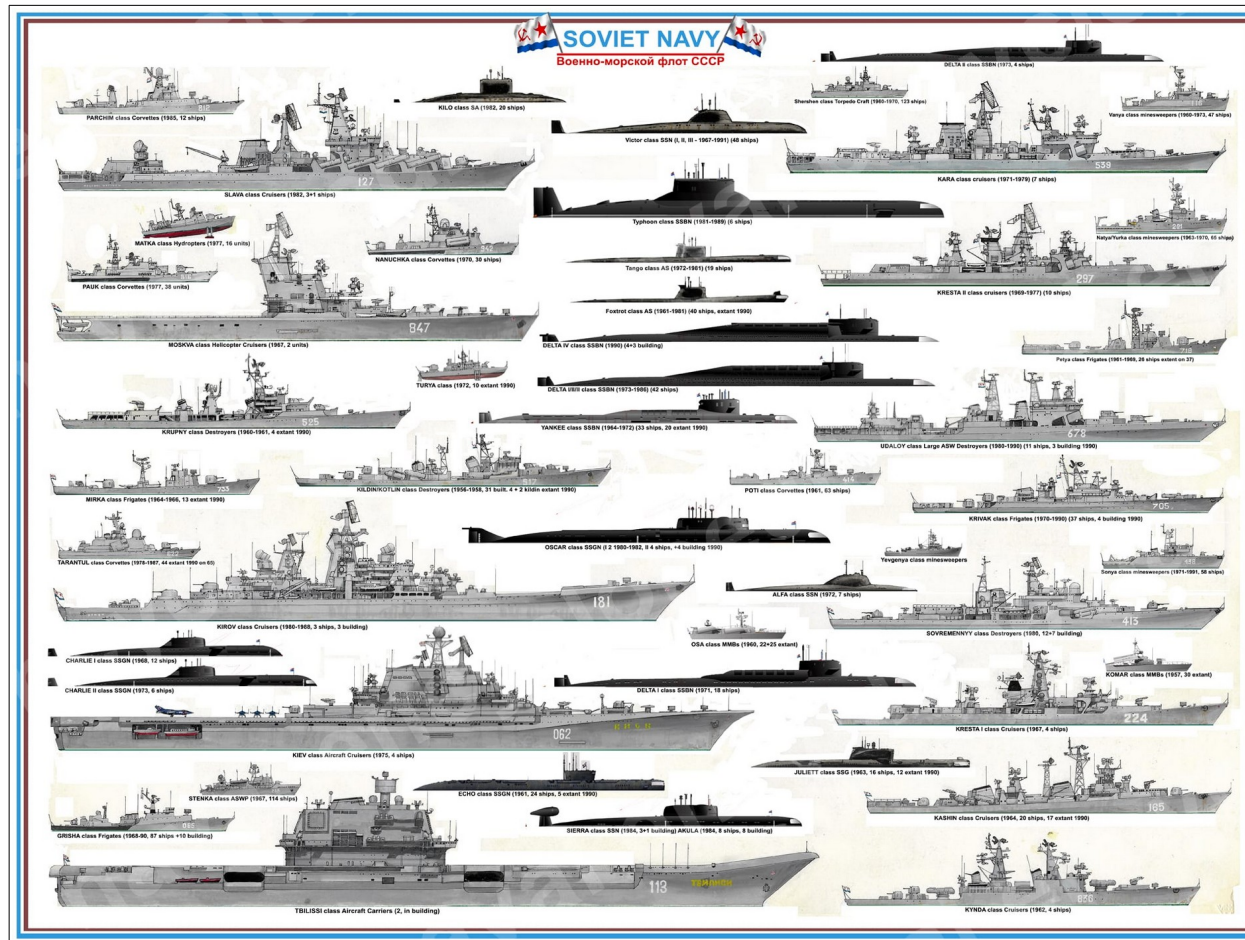


FIGURA 5 – Os meios navais da Marinha soviética (1947-1990).

Fonte: *Naval Encyclopedia*, 2022, Online.⁷¹

71 Disponível em: <<https://naval-encyclopedia.com/>>. Acesso em: 30 jul. 2022.

APÊNDICE E – Compêndio da Estratégia Naval Russa

1. Doutrina Marítima da Federação Russa (2015)

Anunciada em 2015 por Vladimir Putin a bordo da recém-lançada Fragata de mísseis guiados “Almirante Gorshkov”, substituiu a Doutrina Naval de 2001. O documento fornece uma visão extraordinária não apenas das atuais atividades marítimas russas em grande escala, mas também das ambições russas para o desenvolvimento marítimo. Dentre algumas dessas ambições, destaca o desejo em desenvolver portos da Crimeia como destinos turísticos para as linhas de cruzeiros civis que cruzam o Mediterrâneo. Evidenciam as aspirações russas para normalizar as fronteiras eurásianas, destacando a disposição do Kremlin para participar de conferências e organizações internacionais sobre relações marítimas entre os Estados, além do desejo russo de gerenciar o meio ambiente, a pesca e os recursos marítimos de forma sustentável e responsável.

Quanto às atividades navais, fornece informações de como Moscou deve agir diante de um potencial conflito marítimo com o Ocidente, não descartando mobilizar sua frota de pesca civil, embarcações oceanográficas e outras embarcações e instalações não militares.

Destaca a Marinha como principal componente e alicerce do potencial marítimo russo, empregada para evitar uma agressão contra a Federação e cumprir os interesses nacionais do Estado.

Distribui as bases operacionais e estratégicas da Marinha por áreas regionais, a saber: ENor, EPac, EBalt, ENeg e FCasp.

Por fim, define seis principais áreas regionais prioritárias da Política Marítima Nacional para emprego do PN: os oceanos Atlântico, Ártico, Pacífico e Índico; o mar Cáspio; e a Antártica.⁷²

2. Fundamentos da Política de Estado da Federação Russa no Campo de Operações Navais até 2030

Publicados em 2017, apresentam as metas e os objetivos estratégicos de alto nível necessários à implementação da Política de Estado da FRU no âmbito das Operações Navais e indicam um conjunto de caminhos e meios para atingi-los. Destacam que “as esquadras das potências mundiais podem alterar o resultado do conflito armado por meio de suas operações navais e mudar todo o resultado da guerra”⁷³ (FUNAV, 2017, Art. 31, tradução nossa). Estabelecem que a condução das operações navais é responsabilidade da MFR e do Serviço de Segurança Federal (SSF).

Sua prioridade é desenvolver na FRU as capacidades de dissuasão estratégica e de punição a qualquer nível de agressão externa. Para tal, prezam pela construção de uma MFR forte e balanceada, de presença constante em todas as áreas estratégicas de interesse,

72 РОССИЙСКОЙ ФЕДЕРАЦИИ. Морская доктрина Российской Федерации. Москва: Правительство Российской Федерации, 2015. Disponível em: <<https://usnwc.edu/>>. Acesso em: 14 abr. 2022.

73 “Флоты мировых держав своими действиями с моря способны изменить ход вооруженной борьбы и исход войны в целом”.

composta por forças navais estratégicas nucleares e de alto nível (principalmente os SSBN). Destacam o indispensável papel da MFR para o atingimento dos fins políticos e tratam a implementação de uma estratégia naval moderna com elevada prioridade de Estado.

Dentre os vários objetivos estratégicos apresentados, destacamos: a manutenção da FRU como a segunda maior potência marítima mundial; a aquisição de uma nova força naval convencional; a construção de um NAe e de navios de superfície modernos; o estímulo à pesquisa e ao desenvolvimento de armas e equipamentos militares de ponta; o desenvolvimento de novas tecnologias no campo da construção naval e da fabricação de armamentos; a realização de operações conjuntas e exercícios militares com outras FA; a cooperação com agências do SSF, notadamente com a Guarda Costeira Russa (GCR), para manutenção da segurança (*safety e security*) das fronteiras marítimas e proteção dos recursos marinhos; a promoção da mentalidade marítima russa; e a garantia de acesso aos recursos do OM, principalmente à água, ao petróleo e à fontes energéticas e alimentares, observados os princípios e normas da Lei Internacional.

Reforçam a necessidade de empregar a presença naval permanente nas seguintes áreas estrategicamente importantes:

- a) no Oriente Próximo, Ártico e a bacia do mar Cáspio, em reação ao crescente desejo de exploração dos hidrocarbonetos como fonte de energia por vários Estados;
- b) nas áreas conflituosas da Síria, Iraque, Afeganistão, Orientes Próximo e Médio e nos vários países do Sul da Ásia e África;
- c) no Golfo da Guiné e nas águas do Índico e do Pacífico, em combate à pirataria.

Destacam, ainda, as características do PN de permanência, prontidão, mobilidade, versatilidade e flexibilidade.⁷⁴

3. Estratégia para o Desenvolvimento das Atividades Marítimas da Rússia até 2030

O documento destaca os desafios para a implementação de uma estratégia marítima, indicando “medidas de eficácia” como os mecanismos (caminhos) para se alcançar os fins estratégicos de desenvolvimento das atividades marítimas. Estabelece a implementação da estratégia em duas fases: a primeira foi até 2020; e a segunda, ainda em desenvolvimento, de 2021 a 2030.

Os desafios para a implementação se fazem presentes em variados ramos: nos transportes marítimos; na conservação, pesquisa e do desenvolvimento dos recursos do OM; na construção naval; no ensino profissional marítimo; na segurança (*safety e security*); na preservação e poluição ambiental; na busca e salvamento; dentre outros. Contudo, interessa-nos destacar os objetivos das atividades navais: modernizar e construir forças navais multipropósito, além de garantir a ação de presença nos mares e oceanos onde a FRU realiza suas operações, ou onde houver qualquer ameaça aos interesses e à segurança militar russos.⁷⁵

74 РОССИЙСКОЙ ФЕДЕРАЦИИ. *Основ государственной политики Российской Федерации в области военно-морской деятельности на период до 2030 года*. Москва: Правительство Российской Федерации, 2017. Disponível em: <<https://usnwc.edu/>>. Acesso em: 14 abr. 2022.

75 РОССИЙСКОЙ ФЕДЕРАЦИИ. *Стратегия развития морской деятельности Российской Федерации до 2030 года*. Москва: Правительство Российской Федерации, 2019. Disponível em: <<https://usnwc.edu/>>. Acesso em: 14 abr. 2022.

APÊNDICE F – As missões Estratégicas da Marinha Russa

Relacionamos no QUADRO 2 dez missões estratégicas para a MFR, resultados parciais da nossa pesquisa após cuidadosa leitura de três documentos estratégicos de alto nível publicados por Vladimir Putin entre 2015 e 2019: a “Doutrina Marítima da Federação Russa”, os “Fundamentos da Política de Estado da Federação Russa no Campo de Operações Navais até 2030” e a “Estratégia para o Desenvolvimento das Atividades Marítimas da Rússia até 2030”. Para chegarmos a tal, procuramos selecionar trechos que indicassem os “meios” e os “caminhos”, no âmbito das operações navais, para se atingir os objetivos estratégicos neles descritos. Depois, comparamos com a terminologia das operações estratégicas ocidentais, como o fizeram Ranft e Till (1989).

QUADRO 2
Missões estratégicas da Marinha Russa (2015-2022)

Emprego	Aplicação	Missões Estratégicas
Em tempo de Guerra	Esquadra contra Esquadra	Defesa Estratégica
		Controle de Área Marítima
	Esquadra contra terra	Ataque Estratégico
		Projeção de Poder sobre terra
Em tempo de Paz	..	Apoio Logístico Estratégico
		Dissuasão Estratégica
		Diplomacia Naval
		Presença estratégica
		Cooperação estratégica
		Controle de Guerras locais e regionais

Fonte: Elaboração própria a partir de dados dos documentos estratégicos russos publicados em 2015 e 2019.

APÊNDICE G – Esquema de Defesa em Camadas



FIGURA 6 – Anéis de alcance de 1000 milhas náuticas para ameaça percebida de mísseis Tomahawk a oeste do Estado russo.

Fonte: *Office of Naval Intelligence*, 2015.

Tendo adquirido os meios para atingir alvos a longas distâncias utilizando mísseis balísticos lançados de submarinos nucleares, agora seria possível protegê-los diretamente, assim como ao Estado, contra ataques vindos do mar. Para conseguir isso, a Marinha russa desenvolveu uma estratégia de defesa em camadas. O limite externo dessa defesa em camadas pode ser definido como cerca de 1.000 milhas náuticas (alcance de mísseis de cruzeiro de ataque terrestre *Tomahawk*) da fronteira russa ou de Moscou. Para a Rússia ocidental, este limite exterior atravessa o *gap* Groenlândia-Islândia-Reino Unido que separa o Atlântico Norte do Mar da Noruega. No Mediterrâneo, a linha corre a extensão norte-sul da bota da Itália, definindo o Mediterrâneo oriental e ocidental. No Pacífico, não há limites

geográficos facilmente identificáveis na faixa de 1.000 milhas náuticas (as distâncias de três pontos fornecem a orientação geral). A desintegração da URSS modificou a profundidade de defesa estratégica da Rússia em terra (uma perda de cerca de 300 milhas), mas teve um efeito insignificante sobre as preocupações marítimas.⁷⁶

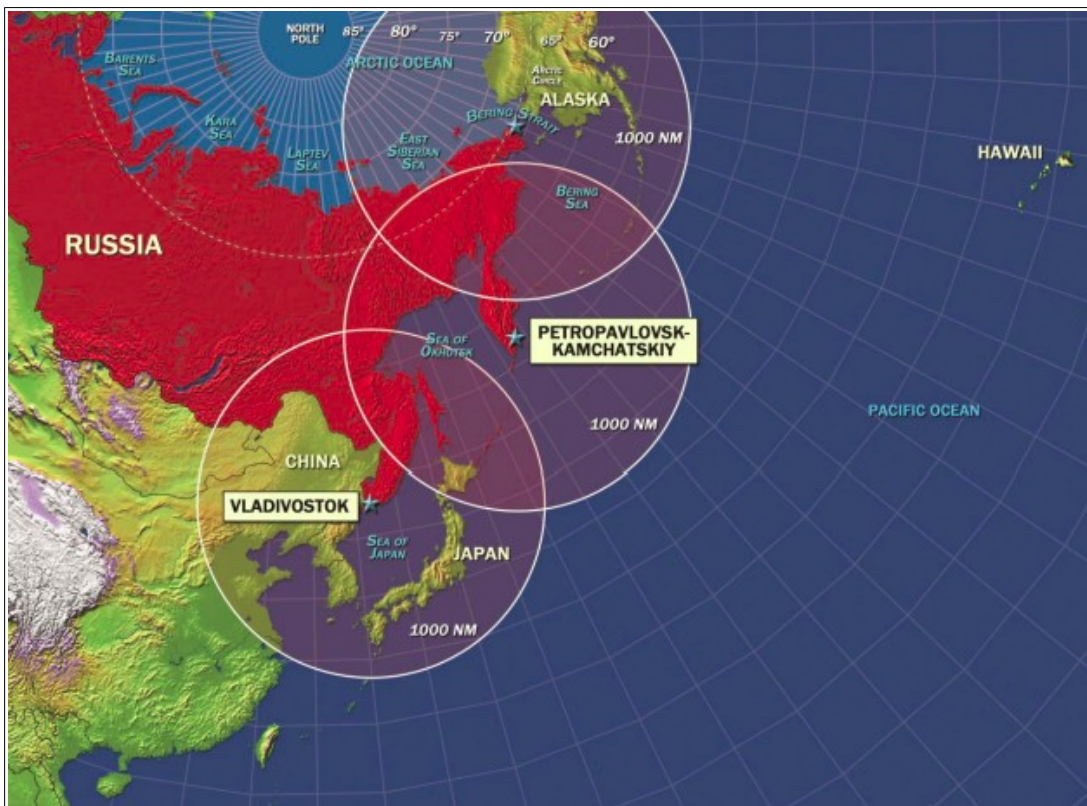


FIGURA 7 – Anéis de alcance de 1000 milhas náuticas para ameaça percebida de mísseis Tomahawk a leste do Estado russo.

Fonte: *Office of Naval Intelligence*, 2015.

76 UNITED STATES OF AMERICA. United States Navy. Office of Naval Intelligence. The Russian Navy: a historic transition. Washington, D.C., 2015. p. 4-5. Disponível em: <<https://www.oni.navy.mil/>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

APÊNDICE H – Organização da Marinha Russa

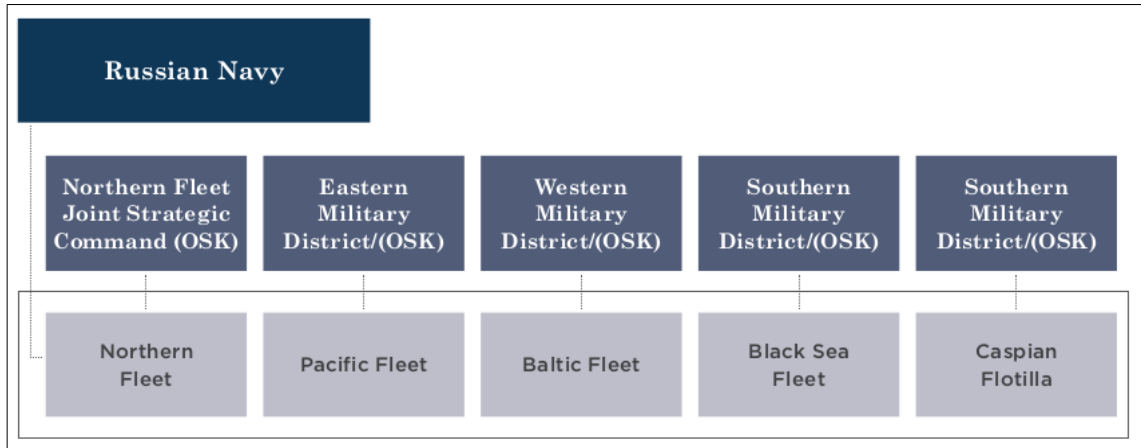


FIGURA 8 – Organização Estratégica da Marinha Russa.

Fonte: *Defense Intelligence Agency*, 2017, p. 66.



FIGURA 9 – Bases navais estratégicas da Marinha russa.

Fonte: *Office Of Naval Intelligence*, 2021, Online.⁷⁷

77 Disponível em: <<https://www.andrewerickson.com/>>. Acesso em: 30 jul. 2022.



FIGURA 10 – Os meios navais de superfície da Marinha russa em 2021.

Fonte: *Office Of Naval Intelligence*, 2021, Online.⁷⁸

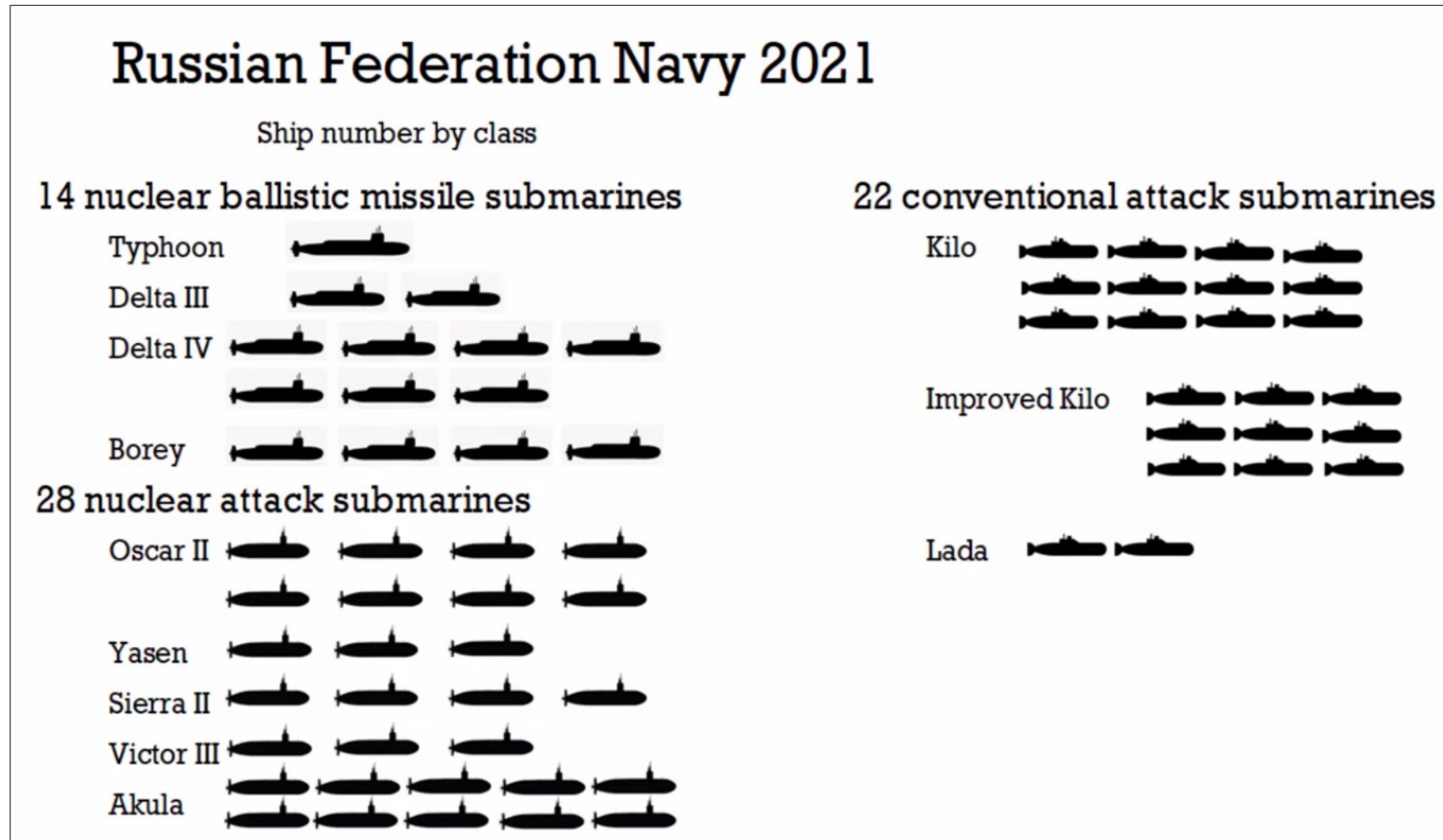


FIGURA 11 – Os submarinos da Marinha russa em 2021.

Fonte: EURASIA NAVAL INSIGHT, 2021, Online.⁷⁹

⁷⁹ EURASIA NAVAL INSIGHT. *How Strong is the Russian Navy in 2022?* Youtube, 06 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M4huvt0xk-Y&t=5s>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

APÊNDICE I – A moderna Fragata “Almirante Gorshkov”



FIGURA 12 – A Fragata multifuncional "Almirante Gorshkov".
Fonte: USNI, 2020.⁸⁰

A moderna Fragata multifuncional “Almirante Gorshkov”, que dá nome à classe, faz parte do projeto 22350 da zona do mar distante.

Tendo iniciado sua construção em 1º e fevereiro de 2006, no Estaleiro Severnaya Verf, em São Petersburgo, só foi lançada em 29 de outubro de 2010. As Provas de Mar, iniciadas em 8 de novembro de 2014, só foram concluídas quatro anos depois, por conta de problemas no motor principal. Em 26 de julho de 2018, foi comissionada e incorporada à ENor. No mesmo ano, mudou o número de identificação do casco de “417” para “454”. Realizou sua primeira viagem de circunavegação em 26 de fevereiro de 2019.

Atinge uma velocidade máxima de 30 nós, apresentando autonomia para 30 dias e alcance máximo de 4.850 milhas náuticas na velocidade de cruzeiro (14 nós).

80 Disponível em: <<https://www.usni.org/>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

Com 135 metros de comprimento, 15 metros de largura e 4,5 metros de calado, desloca 4.500 toneladas e suporta uma tripulação de 180 militares, além de 20 fuzileiros.

Sua propulsão utiliza o sistema Combinado Diesel e Gás (CODAG⁸¹), com dois motores diesel de 30450 hp, e duas turbinas a gás GTA M7H1 (turbina a gás de propulsão de 8.450 hp e turbina a gás de pós-combustão de 22.000 hp). A geração de energia conta com 4 geradores diesel WCM-800, de 800 kW cada.

Armada com sistema “*Caliber-NK*” para o lançamento vertical (VLS⁸²), carregado com 32 mísseis “*Onyx*” ou “*Caliber*” e capacidade de destruir alvos marítimos e costeiros; VLS “*Polymet-Redut*” carregado com dezesseis mísseis antiaéreos; um canhão de 130 mm A-192; dois sistemas de autodefesa de artilharia de foguetes “*Broadsword*”; dois canhões de 14,5 mm; oito casulos de 130 mm para torpedos; e um helicóptero Ka-27PL.

A Fragata “*Almirante Gorshkov*” faz parte da Esquadra mais poderosa da Rússia.⁸³



FIGURA 13 — Fragata “*Almirante Gorshkov*” testando o *Zircon* em 2022, último míssil hipersônico desenvolvido pela Rússia.

Fonte: *Thai PBS World*, 2022.⁸⁴

81 O termo no original (inglês) é “*Combined Diesel and Gas*”.

82 O termo no original (inglês) é “*Vertical Launching System*”.

83 АДМИРАЛ Горшков. *Mil.Press Flot*, 2022. Disponível em: <<https://flot.com/>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

84 Disponível em: <<https://www.thaipbsworld.com/>>. Acesso em: 31 jul. 2022.